

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

***PARA UMA ABORDAGEM DA CHAMADA DERIVAÇÃO
REGRESSIVA EM PORTUGUÊS***

JOÃO BATISTA COSTA GONÇALVES

FORTALEZA

1998

**PARA UMA ABORDAGEM DA CHAMADA DERIVAÇÃO
REGRESSIVA EM PORTUGUÊS**

JOÃO BATISTA COSTA GONÇALVES

ORIENTADOR: PAULO MOSÂNIO TEIXEIRA DUARTE

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO MESTRADO EM
LINGÜÍSTICA E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, COMO REQUISITO PARCIAL
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA

1988

EXAME DE DISSERTAÇÃO

Esta dissertação foi submetida a exame como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

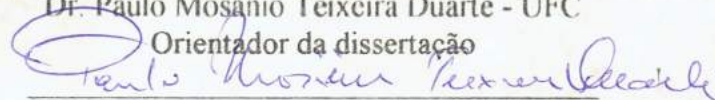
A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita em conformidade com as normas da ética científica.

AGRADECIMENTOS

GONÇALVES, João Batista
Costa. **Para uma
abordagem da chamada
derivação regressiva em
português.** Dissertação de
Mestrado em Lingüística.
Fortaleza 1988, 2º
Semestre. 95p.

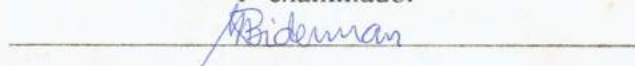
Dr. Paulo Mosônio Teixeira Duarte - UFC

Orientador da dissertação



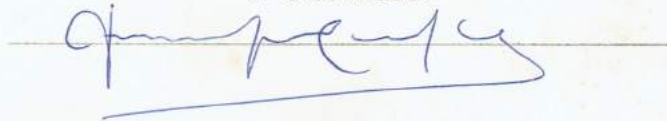
Dr.^a Maria Tereza Camargo Biderman - UNESP

1º examinador



Dr. Francisco Tarcísio Cavalcante - UECE

2º examinador



Conceito: *Aprovado com louvor.*
Em: *16/10/1998.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Paulo Mosônio Teixeira Duarte, pela orientação sábia e segura, nunca impositiva.

À professora Dr.^a Maria Elias Soares, pelo exemplo de competência na administração do curso do mestrado de lingüística da UFC.

Ao professor Dr. Francisco Tarcísio Cavalcante, pela cessão de material bibliográfico necessário à pesquisa, bem como pela concordância em fazer parte da comissão julgadora.

À professora Dr.^a Maria Tereza Camargo Biderman, por assentir em participar da comissão julgadora.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pelo suporte financeiro à realização da pesquisa.

A minha cunhada Edmea, pela inestimável ajuda na digitação do trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

A Deus, em Jesus Cristo, pelo qual todas as coisas vieram a existir, mesmo este trabalho.

A minha amada esposa Teresa Maria, pelo constante incentivo e pela compreensão da minha ausência.

Ao meu querido filho Christian Joshua

A minha família, por sempre acreditar em mim.

**Omnis qui se dubitantem intelligit, verum intelligit et de
hac re quam intelligit, certus est. Quod si fallor, sum.
Santo Agostinho**

ABSTRACT

Para uma abordagem da chamada derivação regressiva em português

One of the most controversial subjects in morphology is undoubtedly backformation, whose description differs if one considers the perspectives according to which the authors face this process. This is the reason why I decided to give my theoretical contribution: to organize, in a critical way, a synthesis about this intricate subject. In order to present a clear exposition about it, I divide the authors into two groups. One of them is made up of philologists and traditional grammarians, such as: Fernão de Oliveira, Maciel, Vasconcelos and Melo. Here I discuss Mário Barreto's contribution based on the relations between cognate action nouns and verbs. Other groups are formed by linguists. Two derived groups are here identified, according to the basic theoretical orientations: a) a group characterized by the presence of scholars who adopt a structuralist perspective: Camara Jr, Sandmann, for example; b) another group characterized by authors who have the generative approach in common, in spite of great disagreements concerning details: Basílio, Gamarski and Lobato. Additionally I refer to Basílio's and Gamarski's theory on noun backformation. All this overview presupposes the following questions: a) is it possible to describe backformation on synchronic parameters? b) is backformation analysable within the limits of morphology? c) is there any difference between backformation and other processes, such as prefixation and suffixation? d) are there regressive nouns derived from nouns?

RESUMO

Para uma abordagem da chamada derivação regressiva em português

Um dos assuntos mais controversos na morfologia é indubitavelmente a chamada derivação regressiva, cuja descrição difere de outras formações derivadas, se considerarmos as perspectivas sob as quais os autores encaram o processo. Esta é a razão por que decidimos dar nossa contribuição: organizar, de um modo crítico, uma síntese sobre este problemático assunto. A fim de apresentar uma exposição clara sobre o tema, dividimos os autores em dois grandes grupos. Um deles é composto de filólogos e gramáticos tradicionais, tais como Fernão de Oliveira, Maciel, Vasconcelos, Melo. Aqui discutimos a contribuição de Mário Barreto, baseada na relação entre nome de ação e verbos. Outro grupo é formado por lingüistas. Dois grupos derivados são aqui identificados, de acordo com a orientação teórica básica: a) um grupo caracterizado por autores que adotam a perspectiva estruturalista: Camara Jr., Sandmann, por exemplo; b) outro grupo formado por autores que têm em comum a abordagem gerativa, mesmo a despeito das grandes discordâncias concernentes a detalhes: Basílio, Gamarski e Lobato. Adicionalmente, referimo-nos à teoria de Basílio e a de Gamarski sobre os denominais regressivos. Toda esta revisão pressupõe as seguintes questões: a) é possível descrever a derivação regressiva sobre parâmetros sincrônicos? b) a derivação regressiva é analisável dentro dos limites da morfologia? c) há diferença entre derivação regressiva e outros processos como a prefixação e a sufixação? d) há nomes regressivos derivados de nomes?

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução..... | 10 |
| 2. A derivação regressiva na tradição filológico-gramatical. | |
| Introdução..... | 12 |
| 2.1. Derivação regressiva verbal | |
| 2.1.1. Derivação regressiva verbal como um tipo dos nomes deverbais..... | 13 |
| 2.1.2. Derivação regressiva verbal como um subtipo da chamada derivação imprópria..... | 15 |
| 2.1.3. Derivação regressiva verbal como uma derivação sufixal..... | 17 |
| 2.1.4. Derivação regressiva verbal como um processo subtrativo e analógico..... | 18 |
| 2.2. Derivação regressiva nominal | |
| 2.2.1. Derivação regressiva nominal e diacronia..... | 27 |
| 2.2.2. Derivação regressiva nominal ou redução?..... | 29 |
| 3. A derivação regressiva nos estudos lingüísticos: os regressivos verbais. | |
| 3.1. A derivação regressiva verbal nas abordagens estruturalistas | |
| Introdução..... | 32 |
| 3.1.1. Derivação regressiva verbal por morfema zero | |
| 3.1.1.1. No domínio dos nomes simples..... | 33 |
| 3.1.1.2. No domínio dos nomes compostos..... | 35 |
| 3.1.2. Derivação regressiva por morfema subtrativo | |
| Introdução..... | 37 |
| 3.1.2.1. A proposta de Assumpção Jr. | 38 |
| 3.1.2.2. A proposta de Mateus et alii. | 39 |
| 3.1.2.3. A proposta de Sandmann | 41 |

| | |
|--|-----------|
| 3.1.3. Derivação regressiva verbal por morfema aditivo | 45 |
| 3.2. A derivação regressiva verbal nas abordagens gerativistas. | |
| Introdução..... | 47 |
| 3.2.1. As propostas de Basílio..... | 48 |
| 3.2.2. A contribuição de Gamarski. | |
| 3.2.2.1. As Relações Temáticas e o Princípio da Projeção..... | 52 |
| 3.2.2.2. A proposta de Gamarski..... | 55 |
| 3.2.3. A contribuição de Lobato. | |
| 3.2.3.1. A nominalização na gramática gerativa..... | 65 |
| 3.2.3.2. A proposta de Lobato..... | 67 |
| 4. A derivação regressiva nos estudos lingüísticos: os regressivos nominais | |
| Introdução..... | 67 |
| 4.1. Os regressivos nominais: o plano diacrônico..... | 67 |
| 4.2. Os regressivos nominais: o plano sincrônico | |
| Introdução..... | 74 |
| 4.2.1. Basílio: formações agentivas..... | 74 |
| 4.2.2. Gamarski: nomes instrumentais e adjetivos..... | 76 |
| 4.2.3. Lobato: denominais regressivos como projeção de um radical..... | 79 |
| 5. Conclusão..... | 81 |
| 6. Bibliografia..... | 91 |

INTRODUÇÃO

Em morfologia, a chamada derivação regressiva tem sido, no curso das pesquisas filológico-gramaticais e lingüísticas, alvo de contravertidas discussões. Para constatar esse fato, podemos mencionar, por exemplo, as diversas terminologias usadas para tratar formas como **luta e pesca**: temos **nomes pós-verbais, nomes deverbais, formas regressivas, formas normalizadas** ou ainda **nominalização**. Além da confusão terminológica, que, a princípio, pode parecer uma questão perfunctória, há outros pontos relevantes a salientar como a direcionalidade do processo derivacional: a forma nominal deriva do verbo ou o origina? Adicionalmente, há que se considerar a abrangência do fenômeno, no sentido de se saber se ele se refere somente à nomes deverbais ou se estende a formas regressivas denominais.

Justifica-se, pois, o presente trabalho como uma pesquisa de caráter eminentemente teórica que pretende, numa atitude crítica de análise, examinar a chamada derivação regressiva em português tanto nos compêndios de filologia e gramática, como em obras com fundamentos na lingüística.

O primeiro capítulo tratará da derivação regressiva na tradição filológico-gramatical. Será examinada exhaustivamente o processo em dois momentos distintos: a derivação regressiva verbal e a derivação regressiva nominal.

O segundo capítulo constará de uma exposição detalhada das análises lingüísticas frente à derivação repressiva verbal. Ocupar-nos-emos basicamente em mostrar o enfoque dos autores de linha estruturalista e dos autores de linha gerativista para os regressivos verbais.

O terceiro e o último capítulo continuará tratando das posições dos lingüísticos, só que ante os regressivos nominais. O tema aqui será analisado sob duas perspectivas: uma diacrônica e outra sincrônica.

Observando a organização geral do trabalho, podemos desde já verificar que a pesquisa trata de um estudo de síntese. E é essa realmente a nossa meta maior: proceder a uma revisão teórico-crítica sobre a derivação regressiva em língua portuguesa, sem nos importar, neste instante, com uma análise empírica fundada no exame de um **corpus** definido.

Não queremos, portanto, propor novas técnicas e métodos capazes de analisar e descrever o processo em tela, mas antes, como já foi enfatizado, fazei considerações teóricas a partir dos modelos já existentes a fim de prover uma sistematização crítica e coerente sobre o assunto, muito embora não nos privemos de, ao longo do trabalho, fazer algumas sugestões para o tratamento da derivação regressiva em português.

Face a isto, não podemos estar em concordância perfeita com o ditado latino que afirma: **theoriae volant, exempla manet**, pois só mediante a teoria transcendemos a singularidade e a imediatez dos dados.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA NA TRADIÇÃO FILOLÓGICO-GRAMATICAL

Introdução

O objetivo deste capítulo é traçar um panorama histórico-crítico das inúmeras abordagens que a chamada derivação regressiva recebeu, no âmbito da tradição filológico-gramatical, em língua portuguesa.

Trataremos da derivação regressiva verbal e da nominal em momentos diferentes. Quanto aos regressivos verbais, a análise do assunto será dividida em quatro tópicos distintos, conforme o enfoque dado ao tema pelos filólogos e gramáticos, quais sejam: 1) derivação regressiva verbal como um tipo dos nomes deverbais; 2) derivação regressiva verbal como um subtipo da chamada derivação imprópria; 3) derivação regressiva verbal como uma derivação progressiva; 4) derivação regressiva verbal como um processo subtrativo e analógico.

É preciso assinalar que essas séries não constituem grupos rígidos. A divisão das seções, por vezes, pode ser fronteiriça dependendo do ângulo da proposta que se está privilegiando. O critério que norteou nossa divisão foi o que é mais específico da abordagem de cada autor.

No que tange ao tratamento dos regressivos nominais, o tema será visto sob a perspectiva diacrônica. Nesta seção, averiguaremos também se

exemplos tomados como regressivos nominais são realmente casos de derivação regressiva nominal ou meras reduções vocabulares.

2.1. Derivação regressiva verbal

2.1.1. Derivação regressiva verbal como um tipo dos nomes deverbais

Fernão de Oliveira (1975), embora de forma bastante incipiente, fez menção dos derivados regressivos, arrolando-os sob a expressão genérica **nomes verbais**¹. É o que se pode depreender da seguinte citação do gramático português:

[...] e os nomes verbais: assim também são diferentes: porque de **ler** dizemos **lição** : e de **orar** **oração**: mas de **amar** e **honrar** dizem **amor** e **honra**. (p. 87).

É fácil perceber que, para o gramático, nos nomes verbais, estão englobados os derivados sufixais (**ler/lição**, **orar/oração**) e os derivados regressivos (**honrar/honra**).

Proposta semelhante segue João de Barros (1957), com a ressalva de que, na sua abordagem, a distribuição dos substantivos deverbais é bem diferenciada. Ainda sob a rubrica **nomes verbais**, engloba o que hoje denominamos:

- a) derivados sufixais: **amor/amar**(se bem que o exemplo é questionável, pois parece tratar-se na verdade de dois vocábulos com entradas independentes ligadas à raiz **am-**);
- b) derivados regressivos: **suspiro**(suspirar), **choro**(chorar) (o autor não atentou para alternância vocálica / ɔ / ~ / o / no par **chorar/choro**, presente ainda em grupos como **sufocar/sufoco**, **rogar/rogo** etc., o que o distingue de **suspirar/suspiro**, em que não há o fenômeno da metafofia);

¹ A despeito de uma questão terminológica, Michel Bréal (apud Barreto, 1980), ao invés de **nomes** ou **substantivos verbais**, preferiu, segundo Barreto (1980), chamar esses nomes de **pós-verbais**, inaugurando,

c) derivados impróprios por substantivação do infinitivo: *Depois que olhei o triste viver = Depois que olhei a triste vida* (o gramático não atentou para a distinção semântica entre **viver** substantivado e **vida**).

Pode-se perceber que, diferentemente de Fernão de Oliveira, João de Barros incluiu, no que ele denomina de **nomes verbais**, a chamada derivação imprópria.

Na esteira de João de Barros, Júlio Ribeiro(1911) continua a encampar a derivação regressiva entre os **nomes verbais**. Na parte em que dedica à formação de palavras, o gramático abre uma seção para tratar do que chama **substantivos derivados de verbos**. Segundo o autor, há três modos, em língua portuguesa, de se formar substantivos a partir de verbos:

- 1) através de sufixação: **andança, fixação**;
- 2) através do emprego da 3ª pessoa do singular do indicativo presente, da 1ª e 2ª conjugação: **a apanha da azeitona – a malha do centeio; os comes e bebes – os pertences**;
- 3) através do emprego do infinitivo presente(**o comer, o dormir**), do participípio presente(**negociante, amante**) e do que o gramático chama de participípio aoristo (**vista, queimada**).

Como se pode observar, há certos pontos de contato entre a tipologia dos deverbais de Júlio Ribeiro e a que propôs João de Barros. Ressalte-se, porém, que os exemplos dados para os tipos de deverbais sufixais em Júlio Ribeiro são mais adequados, porque os sufixos anexados à base são facilmente detectáveis (and- **ança** , fix -**ação**). Salientem-se, todavia, umas diferenças: a inclusão das chamadas formas participiais e a ressalva de que existem deverbais ligados à primeira pessoa do singular ou à terceira do singular. Entretanto, para este último caso , como se explicariam os casos com diferença no timbre da vogal (**contorno, consolo**), para não mencionar outros exemplos como **escolha** e **destaque** que não se relacionam com a 3ª pessoa do singular do indicativo presente? Assinale-se ainda que a linha que

separa o segundo do terceiro tipo parece ser t nuue, pois em ambos os casos ocorre a substantivação de formas verbais pela anteposição do artigo. Na seção que segue discutiremos sobre esse t pico com maior detalhamento.

2.1.2. Derivação regressiva verbal como subtipo da chamada derivação imprópria.

Fil logos e gramáticos houve que trataram os regressivos verbais como um caso de derivação imprópria, a exemplo de Silva Júnior e Lameira (1894), Maciel (1910), Gomes (1915), João Ribeiro (1933), Nunes (1956), Pereira (1958) Mich elis Vasconcelos(s/d) e Azevedo Filho (1971) que analisaram a derivação regressiva como a passagem do verbo para o substantivo, ou seja, a substantivação da 1  ou 3  pessoa do singular do presente do indicativo (**combate, prova**) e/ou da 1  pessoa do singular do subjuntivo (**venda, alcance**).² Jucá Filho (1945), porém, já nos chama a aten o para a necessidade de se diferenciar entre deverbais regressivos e formas verbais usadas substantivamente.³

Vale ressaltar que, ao considerar a derivação regressiva como um subtipo dos derivados impr rios, a maioria dos autores retromencionados utiliza a nomenclatura **derivação imprópria**, para contrastar com a **derivação própria** em que se d  pela adjun o de afixos, exce o feita a Maciel (op. cit.), que denominou o processo de **derivação inorgânica**, contrapondo-a   **derivação orgânica**, feita por sufixo.

de verbos.

² Poder-se-ia tentar corroborar essa idéia, argumentando que, muitas vezes, o falante comum tende a dizer **perca**(3  pessoa do presente do subjuntivo), ao invés de **perda**, ao referir-se ao ato de perder.

³ Aguiar(1955), embora não faça a inclusão da derivação regressiva verbal entre os derivados impr rios, acredita, como a maioria dos autores supra mencionados, que os deverbais regressivos foram formados das pessoas do verbo. O autor batizou os regressivos como um todo de **rederiva  o**, dividindo-os em derivação regressiva (denominais) e derivação temática(deverbais).Para este último caso, sua forma o se daria, segundo o autor, com o apoio na 3  pessoa do singular indicativo presente e na 1  pessoa do mesmo tempo do conjuntivo (subjuntivo) presente, conforme o esquema : **batalha = batalha, livre = livrar**. Nesta proposta, seria importante examinar, além da questão de saber se estes nomes procedem realmente das termina es verbais, se a nomenclatura   válida como   para o termo **recomposi o** que, associado   composi o, " ocorre quando apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova palavra" (Monteiro: 1986,170).

No tocante à precedência das bases, Nunes (1956) observa, partindo de um estudo diacrônico sobre os deverbais regressivos ou **substantivos tirados de verbos**, para ser fiel à nomenclatura do autor, que determinados substantivos em latim procedem da 1ª e 3ª pessoas do singular do indicativo de verbos da primeira conjugação e eventualmente, da segunda e da terceira (**lucta, fuga, offensa**),⁴ ocorrendo semelhante processo em português.⁵ Camara Jr (1981 verbete **derivação deverbal**) informa-nos de que este tipo de formação já existia realmente na língua latina (**fábrica** > **fabrica**, de **fabricare**).⁶

Michaëlis Vasconcelos (s/d), embora seja concorde em incluir a derivação regressiva entre os tipos de derivados impróprios, rejeita a idéia de que esses **substantivos verbais** tenham vindo das pessoas do verbo, mas do tema verbal puro. Vasconcelos (apud Kehdi (1995)) é deste mesmo parecer. A essa conclusão chegou o autor quando analisou os deverbais regressivos que mantinham ligação com as formas do singular do presente do indicativo românico. Segundo a análise de Vasconcelos, certos substantivos, como **erro** e **rogo**, apresentam vogal tônica fechada, se se contrapõem às formas verbais a que elas correspondem. Kehdi (1995) observa que fatos referentes à metafonia invalidam a proposta de Vasconcelos, pois este esqueceu que:

[...] a extensão e a importância da metafonia em português: as vogais a e o influenciam no timbre de -e- e -o- (-a contribui para a abertura; -o ; para o fechamento da vogal (tônica)). Entretanto, na primeira conjugação, as vogais tônicas -e e -o (procedentes de -e e -o) mantiveram-se abertas em virtude da analogia com a segunda e terceira pessoa do singular e a terceira do plural:

⁴ Maurer Jr (1959) confirma a hipótese de que em latim este processo de derivação era formado sobretudo com os verbos em **-are**: **planta** (plantare), **serra** (serrare), **cursus** (cursare), etc. Michaëlis Vasconcelos (s/d) aceita firmemente esta idéia, chegando mesmo a transpor esta regra para o português, ao afirmar que casos como **venda** e **perda**, na nossa língua, vindos de verbos da 2ª conjugação, não são substantivos regressivos verbais, mas participios contraídos, a partir de **vendita**, **perdita**

⁵ Egger (apud Gamarski, 1988) estudando este tipo de substantivo em francês, já os havia tratado como nomes derivados do radical, através das pessoas do singular do presente do indicativo, numa espécie de formação por apócope do infinitivo.

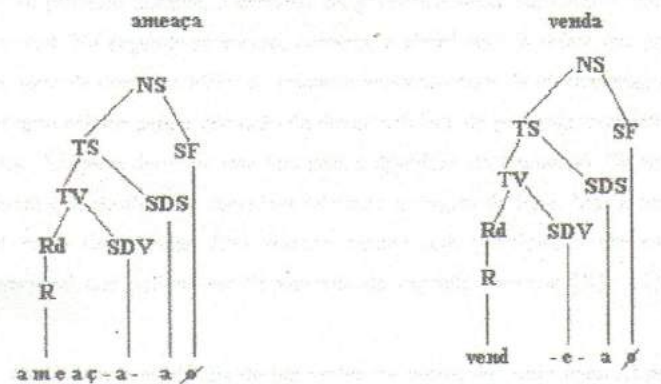
⁶ Kehdi (1995) rejeita a interpretação de que formas como **fábrica** > **fabrica** sejam tomados como regressivos, pois não houve redução de nenhum elemento formal. Acrescenta ainda o fato de que pós-verbais formados por alternância acentual são de formação erudita e, por isso mesmo, formados tardiamente em nossa língua, o que pode ser confirmado pela não alteração das vogais -ĩ- e -ũ- de penúltima sílaba e pela própria datação correspondente: **fábrica** (séc.XIV) < **fabrīca**.

rogo > rOgo (por influência de rOgas, rOga, rOgam). Como o substantivo se integra noutra paradigma, pôde ocorrer a metafonia. (p.423)

2.13. Derivação regressiva verbal como uma derivação sufixal

Adota Huber (1986) o ponto de vista da derivação regressiva como derivação sufixal, porém sob uma ótica diacrônica. O autor, ao estudar a derivação por meio de sufixos de vocábulos portugueses, separou-a em: derivados por sufixos átonos e derivados por sufixos acentuados. Estes dizem respeito ao processo de sufixação que normalmente se conhece (-aça, -aço > -acia, -aciu : ameaça, pedaço). Os derivados por sufixos átonos são os usados para a formação dos pós-verbais (erro/errar, esforço/esforçar). Conforme ainda Huber, como o acréscimo dessas vogais implica mudança gramatical, nada mais razoável do que ver aí uma derivação sufixal. Essa idéia apenas corrobora a posição já defendida por Meyer-Lübke (1923) e Pidal (1958).

Sob um enfoque sincrônico, Luft (apud Akele, 1988) encarou também estes tipos de deverbais como um caso de derivação progressiva e não mais como derivados progressivos. No entender do gramático, há nesse processo derivacional um sufixo derivativo verbal indicador das conjugações que passa a sufixo derivativo nominal de gênero. De acordo com Luft, este tipo de derivação seria explicado por regras morfológicas de apagamento e assimilação. Assim, se se têm duas vogais semelhantes uma é apagada, se as vogais são diferentes uma assimila a outra, conforme se pode observar nos exemplos mostrados pelo gramático através de esquema arbóreo:



Em que pese a proposta de Luft em observar que , nos deverbais portugueses, não ocorre uma simples supressão da parte do verbo, uma vez que há o acréscimo , em muitos casos, de uma nova vogal ao radical verbal, as regras estipuladas pelo gramático não explicam como tratar nomes com alternância vocálica(**choro/chorar**) e/ou deslocamento de acento de acento (**renúncia/ renunciar**). Ademais não toca no problema essencial da precedência das bases.

Quanto à afirmação de que as vogais finais desses nomes constituem sufixo derivativo nominal de gênero⁷, é válido observar o que Kehdi (1995) assinala a este respeito:

Cumpra, porém, salientar que a existência de numerosos pós-verbais em -e nos impede de ver aí, desinências de gênero; assinale-se, ainda, que em alguns pares em que o primeiro membro termina em -e (sempre masculino), o segundo apresenta ora -o, ora a: **decalque-e/decalc-o**, **desmam-e/desmam-a**. Pode-se, portanto, afirmar que a noção de gênero se acrescenta ao valor sufixal, básico, desses elementos finais.

Restaria a possibilidade de classificação dessas vogais como temáticas nominais. Assinale-se, todavia, que as vogais temáticas nominais, em primeiro, estão dissociadas da noção de gênero (cf. **trib-o** (fem), **mas-a** (masc), **font-e** (fem), **mont-e** (masc), o que elimina para o caso que nos interessa, essa possibilidade de classificação. (p.424)

2.1.4. Derivação regressiva verbal como um processo subtrativo e analógico.

Para Barreto (1980), a derivação regressiva é um processo de formação de palavras que se dá através da supressão, ao invés de acréscimo, de elementos formadores. Daí o autor denominar também este fenômeno como **derivação retrógrada** e **derivação em sentido inverso**. Segundo Barreto, as formações regressivas podem ser explicadas pelo que o autor chama de **formação proporcional**. Em outras palavras, o autor é da opinião

⁷ Diez (apud Gamarski, 1988) um dos primeiros a estudar sobre os deverbais regressivos, viu também nestes derivados verbais *uma simples adição de uma terminação de gênero ao radical*.

de que é o processo analógico o principal responsável por esta **espécie anormal de derivação**.

Cabe-nos perguntar, no que diz respeito à definição de Barreto, se a derivação regressiva é sempre uma mera redução formal, ou se há outras implicações, como a alternância de acento, a exemplo de **jogo/jogar**. A este propósito, convém sublinhar outra vez com Kehdi (1995):

É curioso que nossa gramática, no sentido do processo de derivação regressiva, praticamente não fazem referência à metafoia, que é freqüente na evolução da língua portuguesa e explica numerosos casos de alternância vocálica no quadro das flexões nominal e verbal. (p.423)

Há uma questão a se relevar com respeito ao termo **analogia**, usado por Barreto para explicar a derivação regressiva. Não existem dúvidas de que formações regressivas são analógicas, mas, como asseveram Basílio (1980) e Gamarski (1988), o termo não se mostra adequado à análise e descrição do fenômeno por ser ainda muito vago. A analogia, por exemplo, não permitiria revelar fatores importantes incluídos no processo, como em estabelecer uma distinção entre problemas relacionados à produtividade dos processos de formação de palavras do léxico, não explicando, portanto, satisfatoriamente a derivação regressiva.⁸

Algo ainda a suscitar questionamentos é a referência do autor à derivação regressiva como espécie anormal de formação de palavras.

O gramático não explicita a que se deve tal anormalidade, se pelo motivo dos regressivos se formarem sem auxílio de afixos ou se por eles não constituírem um processo produtivo na língua.

Já no segundo volume de **De Gramática e de Linguagem**, Barreto (1922), refletindo sobre a dificuldade em se saber se é o substantivo que provém do verbo ou se é este que deriva aquele, estabeleceu um critério prático para a direcionalidade do processo.

⁸ Mesmo lingüistas privilegiaram o aspecto analógico da formação vocabular para a caracterização dos derivados regressivos, a exemplo de Bloomfield (1984), Hockett (1958) e Pei e Gaynor (1965).

Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva, se o nome denota algum objeto ou substância, se verificará ao contrário.(p.247)

Assim, **pesca**, porque é nome abstrato deriva-se de **pescar**, mas **telefone**, porque é nome concreto, dá origem a **telefonar**.

Essa distinção, segundo Monteiro (1991) e Gamarski (1988), parece inoperante, pois substantivos abstratos facilmente se transformam em concretos. Dessa forma, tem-se **assobio** que tanto pode ser a ação de assobiar, como o instrumento com que se assobia. Cabe assinalar que Barreto havia atentado para esse questão, embora não a tenha aprofundado. São suas as palavras:

Cria é posverbal de **criar**, mas, concretizado, significa o animal enquanto se está criando: **a cria de ovelha** (p.331).

Não obstante, Gamarski (1988) procura ainda mostrar a ineficácia do critério para a identificação de um derivado regressivo proposto por Barreto, argumentando que:

Na medida em que se reconhece que regressivos e sufixais derivados de verbos de ação podem apresentar tanto interpretação verbal quanto nominal com possibilidades de sofrerem expansão para um significado de resultado concreto de ação (**crítica, confissão, oferta**, etc). Além disso, há nomes deverbais, sufixais ou regressivos, cujas bases não são verbos de ação; só apresentam interpretação nominal, não denotando, portanto, ação (**desejo, aspiração, perda, acontecimento**, etc.). Como não se trata de casos isolados, mas de propriedades dos nomes deverbais – no que a rotulação tem de abrangente – o critério fica comprometido.(p.44-45)

Mas se se postulasse que, no caso de nomes com capacidade para duas leituras ou só com uma interpretação nominal, somente aqueles que expressassem uma interpretação com ação pudessem ser considerados deverbais regressivos. Assim, o nome **conserva** seria um derivado regressivo quando entendido como ato de conservar (substituível aqui por **conservação**); seria primitivo quando interpretado como um objeto, um

certo tipo de alimento. A respeito de uma análise dessa natureza, Lobato(1995) ressalta:

[...] para exemplos como *venda*, *jogo* e *crítica*, em que temos ambigüidade entre uma interpretação como objeto e outra como ação, teríamos de fazer corresponder duas derivações uma em que o substantivo seria a forma primitiva, e a outra em que seria a forma derivada. Do ponto de vista dos substantivos, esse tratamento poderia até ser interessante, pois explicaria tais ambigüidades. Note-se que a ambigüidade nas seqüências em que ocorrem, como é o caso da seqüência *O jogo do Thiago não durou muito*: num dos seus sentidos, essa seqüência pode ser parafraseada como *Thiago não demorou muito jogando*, e *jogo* corresponderia a deverbal, mas no outro sentido, em que *jogo* se refere a um tipo determinado de brinquedo (*jogo de damas*, *jogo de xadrez*, etc.), não aceita essa paráfrase, e *jogo* corresponderia então a um nome básico (cf. Basilio 1987: 42). Mas do ponto de vista dos verbos correspondentes tal tratamento seria inadequado: sem que sejam ambíguos, a ele corresponderiam duas derivações uma como derivados e outra como primitivos. (p.207-8)

Seja como for, o método prático de se saber o que deu origem a que para caso dos nomes relacionados a verbos deixa problemas semânticos que dificultarão a descrição do processo derivacional em foco. Retornaremos a esta questão no próximo capítulo.

Um tratamento para derivação regressiva bastante semelhante ao de Barreto é o de Bueno (1958) e Said Ali (1964). Com estes autores, os regressivos ainda serão vistos como a retirada de um elemento subtrativo decorrentes de uma analogia, é o que se pode depreender das definições para derivação regressiva dos autores supramencionados:

aquela palavra que de outra provém, parecendo, entretanto, que ela seja primitiva e não derivada (Bueno, 112)

[...] dá-se um erro de raciocínio – o termo pré-existente é realmente primitivo mas produz a impressão de ser derivado por sua semelhança com vocábulos que, por sua vez, são derivados. (Said Ali, 256 – 7).

Neste sentido, as críticas feitas a Barreto podem ser estendidas a Bueno e a Said Ali. Falemos deste último.

Como se pode notar acima a definição do autor apela para termos impressionísticos e psicologistas como **erro de raciocínio** e **impressão**, derivando, assim, para uma definição pouco objetiva.

Convém observar, todavia, alguns pontos de destaque na proposta de Said Ali. Primeiro, o autor já antevê a alta produtividade dos regressivos verbais a nível sincrônico, mormente na linguagem popular (**janta/jantar**). Diferente, desta forma, de outras propostas que só encaravam os regressivos verbais como bastante produtivos sob um plano diacrônico.

Said Ali descreveu ainda o processo sobre uma perspectiva sincrônica, tomando como base a categoria de gênero em português. Assim se teria:

1. masculinos em **-o**. Ex: amparo – atraso
2. masculinos em **-e**. Ex: embarque – combate
3. femininos em **-a**. Ex: amarra – pesca
4. masculinos e femininos. Ex: pago/paga, custo/custa.⁹

Semelhantemente a Said Ali, Malkiel(1970) analisou este tipo de deverbal em séries, conforme o gênero apresentado. Este autor, entretanto, foi além dessa análise. Observou, por exemplo, que esses derivados são constituídos, em grande escala, de verbos da 1ª conjugação, como já havia atentado Nunes (1956) e Maurer Jr (1959), enquanto os outros tipos de deverbais são formados, em especial, com verbos das outras conjugações. Demais, percebeu que os nomes deverbais regressivos têm no seu radical uma forma rizotônica,¹⁰ diferenciando-se dessa maneira, de outras formas

⁹ Além dessas formas que apresentam dois regressivos para um mesmo verbo; uma masculina em **-o** (**pago**) e outra feminina em **-a** (**paga**), é fácil encontrar na nossa língua exemplos de formações que apresentam também dois regressivos para um único verbo, só que alternando **-a** e **-o** em **-e**: **derrama/derrame**, **reclamo/reclame**, **controle/controle**, **desgasto/desgaste**, **conforto/conforte**, **decalco/decalque**, **cuspo/cuspe**, **conorto/conorte**, etc. Restaria examinar a diferença semântica entre os dois membros do par, bem como a diferença quanto ao aparecimento das duas formas em português, no sentido de observar qual é a forma mais antiga ou mais vernacular. Há, a este respeito, uma tendência em se acreditar que as formas em **-e** são de importação estrangeira (cf. Huber (1986), Aguiar (1955), Nunes (1956) e Malkiel (1970)). Este último autor, entretanto, mostra que nesses casos há, além de galicismos, arabismos ou ainda formas vernaculares.

¹⁰ Huber(1986) também atentou para essa questão, conquanto o autor tenha tratado as vogais por que terminam os regressivos verbais, conforme já vimos, como sufixos átonos, opostos aos sufixos não acentuados, que seriam, para nós, as verdadeiras formações sufixais.

derivadas, como a sufixal, que são preferencialmente arrizotônicas, ou seja, o acento é deslocado da raiz para o radical, acomodando-se assim à tendência paroxitonizante do português. Em outros termos, enquanto nos sufixais o acento se encontra no morfema, nos regressivos ele está geralmente no lexema (sufocamento/sufoco, sustentação/sustento, destacamento/destaque). Quanto à seleção do lugar do acento no lexema do regressivo, ele pode ocorrer tanto na penúltima quanto na antepenúltima sílaba (**crítica**, **desarme**). Em vista disso, essa proposta não considera derivados regressivos as formações com nomes atemáticos, a exemplo de **matiz** (matizar), **pedal** (pedalar), **capim** (capinar), **função** (funcionar). A questão que se coloca, para essa proposta, é saber como seriam tratados nomes como **desdém** que, embora seja um nome atemático, apresenta-se como um derivado do verbo, dada a sua natureza abstrata e a possibilidade para uma leitura verbal. Há para isso duas explicações: uma de ordem sincrônica e outra de natureza diacrônica. A explicação sincrônica, tal como formulada por Kuri et alii (1981), afirma que a vogal, para esse caso é zero; o argumento de ordem diacrônica, por outro lado, assinala que **desdém** teria vindo de uma forma rizotônica do catalão antigo **desdeño**. Malkiel notou ainda que, entre os deverbais regressivos que apresentam mais de uma forma (**custo/custa**), podem-se estabelecer diferenças semânticas: a forma masculina parece exprimir, segundo o autor, uma noção mais concreta, enquanto que a feminina carrega uma idéia de ação.

No que respeita à abordagem de Bueno (1958), ela é eminentemente diacrônica. Os regressivos, no entender do autor, só podem ser explicados à luz de um estudo histórico. No par **voar/vôo**, por exemplo, Bueno afirma que da forma latina **volare** se derivou **voar** e dele, o substantivo **vôo**. Noutro momento, Bueno (1968), ao lado da sua análise de caráter diacrônico, estabelece um critério para se saber a gênese da formação dos derivados. Vejamos o trecho:

Entre duas formas A e B, pertencentes ao mesmo idioma, devemos preferir como anterior a forma que fôr mais abreviada. Isto porque as formas longas são sempre expansões das mais breves. Assim é erro de muito

dicionários afirmar que **jantar** veio de **jentaculum**, ao contrário do verbo **jentare** é que se fez o substantivo **jentar**, **jantar** e aquele **jentaculum**, já no próprio latim, não passava de um diminutivo de **jentare**. Dentro do próprio português, vg., entre duas formas **taramela** e **tramela**, esta é a primitiva e aquela a secundária em que aparece o suarabácti **tara** em lugar de **tra**. (p.23)

Mas é na proposta de Barreto e Said Ali que grande parte das gramáticas de língua portuguesa mais recentes pauta suas abordagens. A concepção é ainda de que o processo se baseia na redução da palavra pela ação da analogia decorrente da estrutura da palavra. Por outro lado, a caracterização dos regressivos verbais de acordo com o gênero do substantivo é, entre estes compêndios, um dos modos freqüentes de descrever o fenômeno em foco. Bechara (1976), por exemplo, define o processo do seguinte modo:

consiste em criar palavras por analogia, através da subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes. (p.226)

O gramático distribuiu ainda os deverbais em quatro grandes grupos, aos moldes de Said Ali.

Cumprе salientar, no entanto, que Bechara, não faz uso do termo **derivação regressiva**, mas **formação regressiva**. Aliás, ele nem mesmo a inclui entre os casos de derivação. Ao invés disso, agrupou-a com outros processos de formação de palavras como a **abreviação**, a **reduplicação** e a **conversão**.

Já Melo (1970), embora seguindo a tradição gramatical, dela se afasta ao tratar dos regressivos verbais indicando pistas de base eminentemente de caráter morfológico para o reconhecimento do percurso derivacional. São suas as palavras:

A maioria dos **regressivos** são substantivos originados de verbos e, por isso mesmo, designam ação. Não raro, procedem de um mesmo verbo um derivado sufixal e um regressivo, como é o caso de **esgotamento** e **esgote**, **reclamação** e **reclamo**, **escoamento** e **escôo**, **bombardeamento** e **bombardeio**, **aparelhamento** e **aparelho**. (p.90)

O gramático só deixou de especular sobre as diferenças sintáticas, semânticas e morfológicas que possam existir entre o regressivo e o sufixal de mesma base. Retornaremos a estas questões quando tratarmos de Sandmann (1987).

Lima (1989), por sua vez, segue ainda os passos da proposta de Barreto e Said Ali. Diferentemente de Melo, porém, inclui a derivação regressiva dentro dos processos derivacionais de formação de palavras. Esta caracterização se fez com base na presença ou ausência de afixos no radical. Eis como foi feita esta tipologia:

1. Presença de prefixo (derivação prefixal)
2. Presença de sufixo (derivação sufixal)
3. Presença de prefixo e sufixo simultâneos (derivação parassintética)
4. Ausência de afixos (derivação regressiva).

Poderíamos ainda aumentar a lista dos autores que encaram a derivação regressiva verbal como um mero processo subtrativo e analógico lembrando os nomes de Souza Lima (1937), Kuri (1960)¹¹, Coutinho (1976), Cunha (1980)¹², Luft (1983), entre outros.

¹¹ Em Kuri et alii (1981), a abordagem para os regressivos verbais é diferente. A **derivação deverbal** ou **pós-verbal**, como é cognominada pelos autores, é descrita como um processo derivacional em que não se faz uso de sufixos, mas apenas de vogais temáticas -a, -e, -o, formando-se, a partir de base verbais, substantivos de ação, sem com isso haver oposição de gênero. Observe-se por esta última informação, que a tipificação dos deverbais já não é feita levando-se em conta a diferença de gênero, como a proposta por Said Ali. Aqui também não se faz referência ao critério de Barreto. É reconhecida, porém, a dificuldade em se distinguir primitivo de derivado, mas o procedimento utilizado para essa distinção é feita através de uma lista com 116 substantivos deverbais que os autores julgam ser os mais comuns. Em outras palavras, para se reconhecer o que é primitivo e o que é derivado nesta proposta, deve-se recorrer à memória ou então à lista com os deverbais arrolados.

¹² Cunha e Cintra (1985), ainda que repitam as mesmas idéias de Cunha (1980), chamam a atenção para o fato de que, a par do critério prático para a distinção da direcionalidade do processo, proposto por Barreto, há outro, de extração gerativista. Os autores mostram, em nota marginal, que Basílio não considera relevante a origem de base, mas a relação geral entre nome e verbo. Esta relação seguirá, em princípio, a um padrão derivacional que poderia ser formalizado da seguinte maneira: $[x]_v \rightarrow [x]_v \rightarrow [x']_N$. Onde dada a existência de um verbo em português, é possível prever uma relação lexical entre este verbo e um nome x' . É mostrado ainda que, segundo Basílio, esse padrão derivacional pode abranger o fato de haver nos verbos, muitas vezes, uma relação com nomes morfológicamente básicos, e não somente a

Deixemos resumidos, para finalizar esta primeira parte do capítulo, os principais pontos que foram discutidos nesta seção:

1) Parece haver um consenso em se eleger o verbo como forma básica e o nome como forma derivada. Seja entre aqueles que rotulam o fenômeno como **nomes verbais**, cuja idéia latente é enxergar, nesses tipos de nomes, sua natureza verbal decorrente do vocábulo que os originou; seja entre os que entendem o processo como substantivos tirados de determinadas pessoas do verbo ou, ainda, entre aqueles que vêem, nesses nomes, uma forma reduzida do verbo que lhes deu origem fixando um associação morfológica e semântica entre nome e verbo ou finalmente entre aqueles que enxergam os derivado regressivos verbais como mais um caso de sufixação;

2) Poucas foram, entre os autores examinados, a indicação de pistas para se reconhecer o derivado e derivante no processo derivacional, exceção feita a Barreto e a Melo. Barreto apelou para um critério eminentemente semântico, que se não passar por um exame mais refinado deixará problemas descritivos sérios. Melo, por seu turno, acenou para um critério de ordem morfológica em que, através de pares de derivados de mesma base verbal, pode-se visualizar a direcionalidade do processo que ora se estuda;

3) Não foi ponto pacífico a questão de se saber de que se trata a vogal pela qual termina as formas regressivas verbais. Trata-se de uma vogal temática, desinência de gênero e/ou sufixo?¹³

4) Houve divergência, entre os autores que privilegiaram a diacronia para o estudo da derivação regressiva verbal, em se descobrir se esses regressivos vêm diretamente do radical puro do verbo ou tirados das pessoas verbais;

5) Não foram, por fim, considerados aspectos supra-segmentais para a análise dos deverbais regressivos, como a mudança acentual ou

nomes deverbais. Teremos a oportunidade de ver no próximo capítulo a proposta de Basílio com maiores detalhes, quando formos tratar abordagens gerativistas para os regressivos verbais.

¹³ Para aumentar a diversidade de opiniões, Meillet e Vendryes (1960) consideram todo o conjugado (radical + vogal) como raiz, chamando esses nomes de **nomes-raiz**.

metáfora (**sufocar/sufoco**), e o próprio deslocamento de acento (**denunciar/denúncia**).

2.2. Derivação regressiva nominal

2.2.1. Derivação regressiva nominal e a diacronia.

Analisando os denominais regressivos à luz da diacronia, Bueno (1958) afirma, que **rosmaninho**, por exemplo, parece ser o diminutivo de **rosmano**, entretanto, foi de **rosmaninho** (**ros marinus**) que originou **rosmano**, tentando, desse modo, ser coerente com a sua definição para derivação regressiva, segundo a qual seria uma palavra provinda de outra, parecendo, que ela fosse primitiva e não derivada.

Barreto (1980) é do mesmo parecer de Bueno: só um estudo histórico pode explicar os regressivos nominais dos do tipo **rosmano/rosmaninho**, **aço/aceiro**, **sarampo/sarampão**.

Vasconcelos (1928), inclusive, já havia explicado, sob um plano diacrônico, pares como **aço/aceiro**. De acordo com o filólogo:

Como há muitos nomes portugueses acabados em – **eiro**, derivados de substantivos, imaginou-se que **aceiro** era sem classes, e supôs-se-lhe o primitivo **aço**, que não pode provir diretamente do latim **acies**, que deu em português arcaico **az**. (p.1002-3)

Williams (1991) viu, nesses casos, uma forma de contaminação. Para ele, um vocábulo popular muitas vezes era modificado ou substituído pelo vocábulo latino do qual era proveniente, nascendo o fenômeno a que ele chama **regressão** ou simplesmente **vocábulos regressivos**. Dá como exemplo formas do português arcaico: **seenço** que foi substituído por **silêncio**, **vesso** por **verso**, o sufixo-**ao** por **-ano** (**romão** > **romano**). Conforme, ainda, Williams (1991)

Por esforço consciente ou inconsciente de disseminação, a regressão não raro restaurou a diferença entre duas palavras que a evolução fonológica regular havia destruído, e.g., tanto **uenam** quanto **uela** se haviam tornado **vela**

no português arcaico; a regressão; a *vela* restaurou a distinção de forma. (p. 25-26)

Também sob a rubrica **regressão**, Aguiar (1996), num ensaio sobre fonética histórica da língua portuguesa, analisa inúmeros casos de derivação regressiva nominal. No dizer do autor:

Quinta, campã, venta, de quintana, campana, ventana, justificam Leite Vasconcelos, apoiado por Nunes, pelas formas *quintãa, campãa, ventãa*, da velha língua, por meio de formas em *aa* e *â*. **Quintã, campã, ventã**, retraíram o acento “porque o português não tolera a tônica final”. Pela mesma razão **manhã, irmã**, etc, deveriam ser hoje *manhã, irmã*, etc. O caso é o mesmo: **manhã > manhaa > manhã > manha; irmã > irmaa > irmã > irma**. É que os fatos são muito diversos. O diminutivo **campainha, de campãa**, resolve a questão. Ao seu lado houve de certo os diminutivos **quintainha, de quintãa, e ventainha, de ventãa**. A **ventainha** prende-se **ventoinha**, que os dicionários derivam de **vento**. Como em palavras derivadas se encontram íntegros os primitivos (**ruindade, ruim, crueldade e cruel, parvoíce e parvo, mulherio e mulher, papelório e papel**), o povo viu em **quintainha, campainha e ventainha** formações de **quinta, campã e venta** e não teve dúvida de usar estas palavras, que chegaram a vencer outras. (p112)

Ao lado dessas formas, Aguiar analisou diacronicamente muitos outros casos de derivação regressiva, como **facínora** e **escândalo**. Para o estudioso, através da forma latina **facinorosus** chegou até nós **facinoroso**, que, devido ao sufixo - **oso**, pareceu formação vernacular. **Facínora** seria então um falso primitivo, influenciado prosodicamente pela forma **facínore** (genitivo de **facinus**), bem como influenciado pela terminação de formas como **advena, incola, scriba**, etc, em que o sufixo expressaria uma noção de agentividade. Já da forma abasileirada **escandêlo**, o português **escândalo** originou **escandaloso**, cuja mudança no Brasil passou de **a** para **e**: **escandeloso**. A consciência do povo, segundo Aguiar, via em **escandeloso** um vocábulo primitivo, cuja forma primitiva seria **escandêlo**.

Autores, a exemplo de, Kuri (1960), Silveira (1965), Bechara (1976) e Lima (1989), citaram como casos de formações regressivas nominais

formas como: **rosmano / rosmaninho, sarampo / sarampão, gajo / gajão, aço / aceiro**, sem explicar, entretanto, seu percurso diacrônico, como se eles já presupusessem que o falante comum tivesse consciência lingüística de que, por exemplo, de **romaninho** veio **rosmano** ou de **sarampão** à forma **sarampo**. Todos estes casos, como assinala Freitas (1991), só fazem sentido à luz de uma análise diacrônica e a diacronia da língua, acrescentamos, não faz parte da competência lexical do falante comum.

2.2.2. Derivação regressiva nominal ou redução?

Lima (1989) cita como caso de denominal regressivo exemplos tirados da gíria plebéia, do tipo: comuna / **comunista**, delega / **delegado**, estranja / **estrangeiro**, granfa / **granfino**, flagra / **flagrante**.

Basílio (1991) não vê nestes casos, exemplos de derivação regressiva. Para a autora, há necessidade de estabelecer, a diferença entre derivação regressiva e abreviação ou simples redução. Neste, apesar de se ter também uma palavra formada pela supressão de alguma parte da palavra derivante, a parte a ser aí suprimida é, não raro, imprevisível e também sinônimo da derivante, sendo usada, na maioria das vezes, num estilo coloquial. Quanto à derivação regressiva propriamente dita, a supressão é sempre um elemento mórfico tido com o afixo, e a palavra resultante do processo não encerra o mesmo significado da palavra derivante.

Outros autores que apoiam esta mesma idéia de Basílio são Assumpção Jr. (1986), Gamarski (1988) Freitas (1991) e Kehdi (1992). A este propósito, é ainda digno de nota o que Gamarski (1988) diz-nos sobre os casos como os mostrados acima.

Ao considerarmos os pares **fanático / fan, vampiro / vamp**, podemos observar que neles não se identificam uma redundância com um sufixo ou uma associação com um paradigma lexical que permitam sua caracterização como derivados regressivos. (p.256)

A autora mostra, por outro lado, que, na relação entre os elementos dos pares como **fanático / fan**, **vampiro / vamp**, observa-se que há, além da mudança de categoria lexical, uma mudança de significado que chega a interferir no grau de transparência da relação entre os significados dos elementos de cada par. A explicitação é feita da seguinte maneira:

| VAMPIRO | VAMP |
|---|--|
| + Masc. + N indivíduo que suga o sangue dos vivos | + Fem Adj, + N mulher fatal, sedutora |

Por fim, a autora conclui afirmando que estes tipos de formação constituem casos de abreviação e não de derivação regressiva. É provável que formas como **vamp** e **fan** tenham vindo do inglês onde a abreviação é muito freqüente, com alteração de classe e sentido.

Luft (apud Akele, 1988), assim como Lima, viu nas formações populares, como as gírias (**transa / transação**) e as reduções (**abreu / abreugrafia**), casos de derivação regressiva.¹⁴ Diferentemente de Lima, entretanto, o gramático impôs algumas regras destinadas a analisar processos com os exemplificados acima. Para analisar, por exemplo, as palavras: **comunista** e **português** nas formas reduzidas **comuna** e **portuga**, Luft estipula regras ordenadas. No caso de **comunista** e **comuna**, primeiro tem-se o apagamento do sufixo **-ista** e o acréscimo do **-a**; em seguida a recepção, pela sílaba tônica do **-a** e o recuo do acento. No caso do par

¹⁴ Laroca (1989) assume uma posição mais extremada do que a dos gramáticos. Arrola casos de abreviação e formações acronímicas e de regressivos verbais dentro de um processo maior a que ela denomina **redução vocabular**.

português e **portuga**, o processo derivacional é descrito como o apagamento do sufixo **-ês** e depois o acréscimo de uma vogal átona **-a** com o recuo do acento tônico.

Ora, as palavras analisadas apresentam os sufixos claramente identificáveis, sendo as regras facilmente descritas. Como analisar, porém, casos como **grã – fina / granfa**, **botequim / boteco**, em que as terminações tiradas não constituem sufixos? O critério para descrever estas formações, por ser bastante simplista, fica então comprometido. Sem mencionar o fato de que os exemplos citados pelo gramático não são casos reais de regressivos nominais, mas de simples reduções, como já demonstramos.

Em síntese, pudemos examinar os nominais regressivos nas propostas tradicionais a partir do aspecto diacrônico, examinando ainda a validade de alguns casos dados como regressivos nominais. Sob uma análise diacrônica, os regressivos nominais em português dos do tipo aqui mencionados só podem ser explicados tomando como base o latim. A questão é que esses casos não constituem formas produtivas nem regulares na língua portuguesa (**aço-aceiro**, **rosmano-rosmaninho**, etc.). Quanto a saber se determinadas formas consideradas como derivação regressiva nominal podem ser assim analisadas, constatamos que essas formações não passam de casos de abreviação ou redução (**portuga**, **delega**, etc.),¹⁵ pois, ao contrário dos derivados regressivos, não se examina, nestes casos, que forma proveio de outra como derivada, dado ao fato de serem simples variantes na linguagem coloquial.

¹⁵ Para um estudo sobre o encurtamento em português como processo de formação de palavras, v. Monteiro (1986) e Vilela (1994).

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: OS REGRESSIVOS VERBAIS

3.1. A derivação regressiva verbal nas abordagens estruturalistas.

Introdução

Na morfologia de base estruturalista, o morfema é, em geral, encarado como a menor unidade na descrição gramatical para a formação de palavras. Caracterizado como signo mínimo¹⁶, o morfema é, portanto, a unidade com a qual as propostas estruturalistas operam nas suas análises¹⁷. Com base nisso, resolvemos segmentar esta seção tendo em vista as propostas de cunho estruturalista para a derivação regressiva verbal que tomaram como base alguns tipos de morfema. Assim, teremos as seguintes seções: 1. derivação regressiva verbal por morfema zero, no domínio dos nomes simples e dos nomes compostos; 2. derivação regressiva verbal por

¹⁶ A definição do morfema como forma mínima encontra-se em Basílio (1980), que a contesta. Basta verificar exemplos como *conduzir/reduzir/produzir*; *receber/perceber/conceber* e constatamos bases presas -*duz-* e -*ceb-*. Estas bases foram objetos de acaloradas discussões mesmo entre estruturalistas, como Bloomfield (1984), que as acolhera, a despeito da definição do morfema com base no binômio forma/sentido.

¹⁷ Há muita confusão acerca do termo *morfema*. Ora é o plano do conteúdo, ora é o plano da expressão, ora é o conjugado expressão-conteúdo. Consulte, a este respeito, Lyons (1979).

morfema subtrativo; 3. derivação regressiva verbal por morfema aditivo.

3.1.1. Derivação regressiva verbal por morfema zero.

3.1.1.1. No domínio dos nomes simples

Uma abordagem estruturalista pioneira em português sobre a derivação regressiva foi feita por Camara Jr. (1985). Ainda que de uma forma sumária, pois a referência do linguísta ao processo encontra-se no verbete **deverbais** de seu dicionário, a sua proposta foi inovadora com relação às abordagens tradicionais. Com Camara Jr, os derivados deverbais - o autor não utiliza o termo **derivação regressiva** - são vistos como um processo que se depreende através de uma análise estrutural da palavra com a identificação da base e sua combinação com o sufixo zero, e não mais como uma mera subtração de sufixos¹⁸. Desta forma, por exemplo, **desmate**, considerado como derivado de **desmatar** teria a seguinte segmentação: desmat + ϕ + e. Segundo o linguísta, existiria, portanto, entre o radical e o índice temático do deverbais, um sufixo zero, se comparado com os deverbais sufixais (desmat + a + ment + o).

Mas se o princípio usado para a existência de um morfema zero (ϕ)¹⁹ é a aplicação da comutação com elementos de mesma base, como nos deverbais sufixal e regressivo, respectivamente, perguntamos como seriam analisados casos em que não há um derivado sufixal correspondente a um derivado regressivo (**entrega**, **combate**, etc.) para ser cotejados entre si. Talvez, para estes casos, admite-se o zero por indução.

Gamarski (1988) aponta outras falhas à proposta de Camara Jr.

¹⁸ Além de caracterizar a derivação regressiva verbal, sob um ponto de vista sincrônico, como uma derivação por sufixo zero, Camara Jr descreve os deverbais regressivos, sob uma dimensão diacrônica, em três espécies, quais sejam: 1) derivados regressivos do verbo respectivo (**paga** de **pagar**); 2) derivados latinos em que na evolução fonética se obliterou o sufixo (**perda** de **perdita**); 3) deverbais já existentes em latim (**fábrica** > **fabrica**, de **fabricar**). Discutiremos aqui somente a sua proposta sob o plano sincrônico.

¹⁹ Ao invés de **morfema zero**, seria melhor o uso do termo **morfe zero**, já que a ausência significativa se dá no plano da expressão.

Segundo a autora, a expressão **derivados deverbais** é excessivamente abrangente. Para Gamarski, seria preciso ainda observar primeiro se o tipo de mudança de categoria nesta derivação seria bastante para a postulação de uma afixo nulo e se estes afixos se comportariam formalmente com os não nulos. Camara Jr, como mostra a autora, não explicou como o sufixo zero seria subcategorizado para indicar as categoria lexical do item a que se adiciona. Gamarski indaga:

(...)como se faria a distinção entre os nomes deverbais produzidos por sufixo zero e os produzidos por sufixos fonologicamente não nulos, ou a especificação do sufixo zero que explica-se no **out-put**, as formas em -a, -e, ou -o (p. 47).

Como última crítica, a autora acrescenta que o morfema zero, *do* ponto *de* vista teórico, é de natureza altamente duvidosa na morfologia. Gleason Jr (1970), a propósito, já nos advertia do uso abusado do morfema zero na descrição lingüística.

Se vamos fazer um uso tão livre do zero, não há um lugar determinado onde se parar. Podíamos aludir livremente zeros de todos as classes para as nossas descrições e cada uma seria tão justificável como a anterior.(p111)²⁰

Matthews (1976) reconheceu também, com alguns outros lingüistas citados pelo próprio autor, inadequada a utilização da noção do zero, pois o seu uso exagerado e injustificado pode enfraquecer a plausibilidade da análise²¹.

Cumpre salientar que a proposta de Camara Jr em analisar os regressivos verbais por meio *do* sufixo zero encontrou eco em lingüistas brasileiros, a exemplo de Monteiro (1991) e Kehdi (1992).

Por outro lado, lingüistas estrangeiros também assumiram esta análise. Bally (1984), por exemplo, já havia reconhecido que, nesses

²⁰ Si vamos hacer un uso tan libre de cero, no hay un sitio determinado donde pararse. Podríamos añadir libremente ceros de todas as las classes a nuestras descripciones, y cada una seria tan justificable como la anterior. (p.111)

²¹ Quiçá a aplicação do morfe zero se justifique somente para explicar casos de alomorfia.

regressivos, poder-se-ia depreender um sufixo zero, por comparação com os deverbais sufixais. Para o autor, teríamos um caso de **derivação implícita** em que o sufixo não aparece. Mas como observa Kehdi (1995) essa abordagem só teria validade se se partisse da idéia de que é o sufixo o principal responsável pelo caráter dinâmico desses substantivos. Este autor mostra que, no caso dos regressivos deverbais, o caráter dinâmico está somente no radical, diferentemente do que ocorre com os deverbais sufixais em que a idéia de dinamicidade pode estar no próprio sufixo.

Objetemos que **dinamicidade** e correlatos são termos vagos. Há de se objetar ainda que, em derivados sufixais como **cassação e armamento**, a dinamicidade se acha restrita aos radicais primários **arm-** e **cass-**. Ademais questões de espessamento de sentido, de interpretação verbal versus interpretação nominal, são contextuais. (cf. Basílio, 1980 e Bally, 1984).

Kehdi simplifica muito a questão entre nome/verbo. Há paralelo possível entre um e outro, mas para a verificação dos mesmos, a paridade semântica há de ser com base em noções mais sofisticadas. Há, por exemplo, verbos de estado, de processo, de ação-processo e nomes também assim classificáveis (cf. Chaffe, 1979) que a análise de Kehdi não explicaria. Sejam alguns: **estar/estada, apodrecer/apodrecimento, andar/andança, cassar/cassação**.

Podemos ainda mencionar outros lingüistas estrangeiros que também caracterizaram os regressivos verbais como um derivado por sufixo zero: Meillet e Vendryes (1960), Malkiel (1970)²², Dubois et alii (1973), Quirk e Greenbaun (1973), Huford e Heasley (1983), Marchand (apud Matthews, 1993) e G. Sanders (apud Matthews, 1993).

3.1.1.2. No domínio dos nomes compostos

Vilela (1994) e Coseriu (apud Vilela (op.cit.)), ao postularem o sufixo zero, o fizeram no âmbito das formações por composição. Para esse autores,

²² Malkiel refere-se ao sufixo zero somente para os casos como o do francês: *l'avis/aviser, recul/reculer*, em que não há o acréscimo da vogal no nome regressivo. Os casos em que há adjunção da vogal são classificados como derivados sufixais.

a forma verbal nos compostos formados por verbo + nome, como em **abre-latas**, **saca-rolhas**, **porta-bandeira**, é interpretada como um caso de derivação regressiva em que se identifica um sufixo nulo correspondente a uma leitura agentiva ou instrumental: **abre-latas** = **abridor de latas/aquilo que abre latas**; **porta-bandeira** = **portador da bandeira/ aquele que transporta a bandeira**.

Custa-nos, todavia, aceitar tal interpretação. No nosso parecer, aí não se trata de um deverbal regressivo, mas de um composto formado por um verbo e um SN, ainda que o resultado dessa relação nunca seja um verbo. Acrescente-se que a forma verbal fora do composto existe como um verbo e não como nome, sem mencionar o fato de que nem sempre a forma verbal, nesses compostos, corresponde à forma nominal do regressivo. Em **saca-rolhas**, por exemplo, a forma do verbo é **saca**, enquanto que a forma nominal regressiva é **saque**. Os regressivos verbais podem figurar sim no processo de composição, entretanto, aparecem como real forma de nome, e não como formas verbais tiradas do imperativo ou da 3ª pessoa do indicativo, como pretendem supor os autores acima mencionados. Atente-se para os seguintes exemplos: **almoço-debate**, **jogo-treino**, **verbo-suporte**, **vídeo-oferta**, **pronta-entrega**. Neles, o segundo elemento do composto é um nome regressivo e mantém, em geral, uma relação de coordenação com um outro termo(à exceção de **tira-gosto**) do composto, diferente, assim, dos do tipo, acima assinalados como regressivo em que há, entre os elementos, uma relação de subordinação(**abre-latas**). Ressalte-se ainda que, nos compostos formados por um verbo e um SN, pode-se perceber uma especialização de sentido. O composto **manda-chuva**, por exemplo, não comporta uma leitura agentiva do tipo *aquele que manda a chuva*, mas, por um processo metonímico, quer dizer *aquele dotado de alguma autoridade e/ou importância*. Sem citar casos ainda como **bate-boca** que nem sequer apresenta uma leitura agentiva ou instrumental.

Proposta semelhante a de Vilela e Coseriu é a de Bloomfield (1984), só que com aplicação aos dados do inglês. O linguísta observa, por

exemplo, que o nominal composto **whitewash**(cal), formado de nome + verbo, pode derivar um verbo por meio de um elemento zero: **to whitewash**(caiar) e este, por sua turno, deriva um nome sufixal agentivo: **whitewasher**. Bloomfield assinala ainda que esse processo se mostra irregular, não ocorrendo em formas como **housekeeper**(governante) → ***to housekeep**. Em comparação com os dados do português, observa-se que, diferentemente do que acontece na nossa língua, esse tipo de composto (V+N) em inglês pode gerar um verbo e dele, por sua vez, um outro composto com leitura agentiva. À guisa de exemplificação, vejamos dados do inglês e do português em cotejo:

whitewash > to whitewashϕ > whitewasher
 abre-latas > ? > abridor de latas

Meyer-Lübke (1923), Jespersen (1935) e Allen (apud Corbin, 1987) também assinalaram a aplicação dos regressivos verbais nos compostos lexicalizados, só que não houve, entre esses autores, menção do uso do **morfe zero**.

3.1.2. Derivação regressiva verbal por morfema subtrativo.

Introdução

Borba (1991) entende que nos deverbais regressivos há a supressão de uma parte de um segmento fônico do lexema, o que o leva a postular, para este tipo de derivação, um morfema subtrativo. São ainda deste parecer Alves (1990) e Silva & Koch (1985). A este respeito, afirmam estas últimas autoras:

Existe, no entanto, um processo de criação vocabular- a derivação regressiva- que é feita justamente ao contrário, pela subtração de morfemas. Isto ocorre, por exemplo, a palavras **caça** (de caçar), **corte** (de cortar) **descanso**(de descansar) em que a desinência verbal de infinitivo e a vogal temática do verbo são substituídas pelas vogais temática nominais **-a, -e, -o**, formando, por esse processo, nomes abstratos de ação, denominados deverbais.(p33)

Destacaremos nesta seção, pela análise mais detida, ainda três outras propostas que também caracterizaram os deverbais regressivos como uma derivação por morfema subtrativo, a saber: a proposta de Assumpção Jr. (1986), a proposta de Mateus et alii (1989) e, por último, a proposta de Sandmann (1987).

3.1.2.1. A proposta de Assumpção Jr.

Assumpção Jr. (1986) estudou a derivação regressiva dentro de um processo maior a que ele denominou de **desconstrução**. Salieta que só, em certa medida, os regressivos corresponderiam à desconstrução. Estes dois processos derivacionais não se confundiriam, segundo Assumpção Jr., pois este se dá através de definições típicas, pela criação léxica, ou:

Sem auxílio de sufixo ou, mais, restritamente, *com* supressão de um afixo flexional (p.72)

Já a derivação regressiva apresenta como principal característica a postulação de uma base para uma forma

Aparente ou efetivamente constituída através do despojamento de um afixo em geral. (p.72)

O autor estabelece o desdobramento para o fenômeno da desconstrução da seguinte maneira:

1. desconstrução de verbos:

- 1.1. **não construídos** (os infinitivos recebidos do latim e adquiridos de outras línguas, como **deslumbrar/deslumbre, exalar/exale**).
- 1.2. **construídos** (os infinitivos integrados que por flexão, quer por derivação, deste tipo seria exemplo **custear/custeio**, daquele outro, **cantar/canto**).

2. desconstrução de nomes:

- 2.1. **geração de nomes** (seriam os regressivos nominais como **frango/frangão, sarampo/sarampão**).
- 2.2. **geração de verbos** (produção de verbos pela desconstrução de nomes, como **alquebrar/alquebrado, legislar/legislador**).

O que o autor está chamando, na verdade, de **desconstrução de**

verbo e **desconstrução de nome** corresponde, em certo sentido, ao que Nyrop (apud Sandmann, 1987) já havia denominado de **formation postverbal** e **decomposition**, respectivamente. Afora isso, o que se nota, nesta proposta, é que há uma confusão de perspectiva de estudo: enquanto para os deverbais (**cantar/canto**), há explicação no plano sincrônico, para alguns denominais (**sarampo/sarapão, legislador/lesgilar**) se dá explicação diacrônica. Quanto a estes, houve ainda confusão entre formas regressivas nominais e casos de truncamento fonológico (**alquebrar/alquebrado**). Sobre estes casos, haverá uma discussão mais longa no último capítulo.

Outro ponto a ser salientado na proposta de Assumpção Jr. é que, como Jespersen (1935), ele encarou a derivação regressiva dentro de um processo mais geral: a **desconstrução**. Jespersen, contudo, utiliza o termo **metanálise**, dentro do qual estuda a derivação regressiva (**back-formation**).

Em termos simples, a metanálise seria uma falsa decomposição de uma palavra ou locução que se faria por se desconhecer sua real análise. Esse processo, por exemplo, teria dado várias formas regressivas no inglês, como **to grovel**, tomado de um suposto particípio presente de **grovelling**. Outros exemplos, neste sentido, seriam **to actor**, de **actor**, **to edit**, de **editor**, **to diagnose**, de **diagnosis**, etc.

3.1.2.2. A proposta de Mateus et alii.

Mateus et alii (1989) entendem a derivação regressiva como uma forma derivante de tema verbal (R+VT) que pode, segundo a autora:

1. não sofrer qualquer alteração (soma (V) / soma (N));
2. pode ter a VT substituída por um dos morfemas [a], [e] e [o]

(**perde / perda, corta / corte, chora / choro**).

Para a autora, a forma derivada pode ser categorizada pelos traços $\begin{bmatrix} +N \\ -V \end{bmatrix}$

casos em que o derivado integra o morfema [a], a categorização e $\begin{bmatrix} -\text{masc} \\ +\text{fem} \end{bmatrix}$
 (Ex.: **soma, perda, fuga**) todos os demais serão especificados como $\begin{bmatrix} +\text{masc} \\ -\text{fem} \end{bmatrix}$

(Ex.: **combate, choro**).

No caso em que se tem duas formas derivadas de uma única forma derivante, os morfemas selecionados serão [a] e [o] (Ex.: **troca: troca/troco**) a partir, em geral, de verbos da 1ª conjugação. De acordo com a autora, porém, esta regra de derivação para os regressivos não parece ser uma regra atualmente produtiva em português.

Como se pode constatar, a proposta de Mateus et alii a respeito das regressivas não destoa muitos das abordagens tradicionais. Continua a eleger como forma derivante o verbo, e como forma derivada o nome sem que para isso ofereça critérios operacionais. A tipificação da derivação regressiva tem ainda como base diferenciadora a categoria de gênero, aos moldes de Said Ali, diferenciando-se deste, entretanto, em dois aspectos. Primeiro, a autora lança mão das notações usadas na lingüística para fazer a descrição; segundo, não se especificou em traços [± masculino] e [± feminino] os casos em que ocorrem duas formas derivadas para uma forma derivante, como fez com os outros tipos. Uma confusão que parece existir nesta proposta é entre a derivação regressiva e a derivação imprópria, tal como houve entre os gramáticos histórico-evolucionistas, pelo menos nos casos em que não há alteração formal, como nos exemplos fornecidos pela autora: **soma (V) / soma (N), combate(V) / _combate (N)**. A autora atentou, porém, para diferenças acentuais envolvidas no processo, para os casos em que o VT é substituído pelas terminações [a], [e] e [o] (Ex.: **chóra – chôro**).

Para terminar este repasse crítico sobre a proposta de Mateus et alii, valem ainda algumas considerações. A autora considerou a regra de derivação regressiva improdutiva atualmente em língua portuguesa. Sem nos atermos, por enquanto, no mérito da questão, citemos a tese doutoral de Gamarski (1988), na qual estudou exaustivamente o caráter produtivo que tem o fenômeno em português. Sandmann (1993), Borba (1991) e Akele (1988) mostraram também a natureza produtiva da derivação regressiva na nossa língua.

O que se poderia afirmar, por outro lado, é que no caso específico dos

nominais, conforme veremos no último capítulo, o modelo é irregular, diferente dos regressivos verbais, em que se tem um modelo produtivo regular, como nos assegura Sandmann (1987). Aliás, Mateus et alii nem ao menos fez alusão aos regressivos denominais, restringindo, desta forma, a derivação regressiva aos deverbais.

Os autores estudados até agora nesta seção trataram do fenômeno de forma bastante simplista. Aos moldes da tradição gramatical, entenderam a derivação regressiva verbal apenas como um processo que se dá através da retirada de um elemento mórfico, sem atentar para questões mais relevantes, como a indicação de pistas para direcionalidade do processo derivacional. Na verdade, estas propostas não passaram de uma variação terminológica e notacional daquilo que já havia sido estudado pela tradição filológico-gramatical.

Não obstante, um modelo que, embora tenha encarado os regressivos verbais como a subtração de morfemes, mostrou-se mais elaborado que as propostas anteriores foi a análise que propôs Sandmann, conforme veremos a seguir.

3.1.2.3. A proposta de Sandmann.

Sandmann (1987) procurou estabelecer sincronicamente uma seqüência derivacional capaz de mostrar a direcionalidade do processo.

De acordo com Sandmann, pode-se afirmar sincronicamente que, nos deverbais, ocorre uma derivação por subtração de um morfema e que a precedência V/N pode ser visualizada em séries morfológicamente motivadas.

O autor apresenta as seguintes séries de palavras.

1. Nesta primeira, o autor tem como eixo formações parassintéticas correspondendo motivadamente a deverbais:

| A | B | C |
|--------|----------|---------|
| Frouxo | Afrouxar | Afrouxo |
| Gordo | Engordar | Engorda |

| | | |
|-------|----------|----------|
| Barco | Embarcar | Embarque |
| Porto | Aportar | Aporte |

Nesta primeira série, como se observa, todas as palavras apresentam o mesmo radical e todos os verbos um prefixo. O autor explica a série da seguinte forma:

De A a B chegamos mediante derivação parassintética, isto é, mediante o acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo verbal a uma base adjetiva (**frouxo/gordo**) ou substantiva (**barco/porto**). De B a C ocorre a subtração do sufixo verbal e o acréscimo da vogal final - a, -e ou -o, portanto uma derivação regressiva.

Conforme o autor, não se poderia aceitar uma seqüência como A → C → B, do tipo **gordo** → **engorda** → **engordar** porque em português não há um modelo ou regra que gere seqüência A → C como em **gordo** → **engorda**. A direção de A a C tem que passar necessariamente por B. Deste chega-se a C, através da subtração de um sufixo. Teríamos, portanto, aí um fenômeno de derivação regressiva.

2. A segunda série, fundada na mediação de um derivado sufixal, tem a seguinte configuração:

| A | B | C | A | B | C |
|-------|----------|----------|-------|----------|---------|
| Tato | Tatear | tateio | Festa | Festejar | Festejo |
| Passo | Passear | passeio | Lampo | Lampejar | Lampejo |
| Flor | Florear | floreio | Boca | Bocejar | Bocejo |
| | Recear | receio | | | |
| | Recrear | recreio | | | |
| | Manusear | Manuseio | | | |

Há casos de motivação que perpassa A, B e C. O percurso, neste caso, seria: B deriva de A por intermédio do sufixo **-ear** ou **-ejar**, e C de B, através do sufixo **-o**, com prévia adaptação morfofonológica a exemplo de **tate + o** → **tateo** → **tateio**. Neste último caso, desenvolve-se um **-i** epentético; evitando-se, assim, o hiato. Uma outra série como a do tipo A → C → B não corresponderia, segundo o autor, aos fatos do português, pois

aqui não há nenhum modelo que junte um sufixo -o ou -ejo com um substantivo para um substantivo designativo de ação. Neste caso, A passa obrigatoriamente por B.

No caso da seqüência em que não há o elemento A preenchido (? → **recear** → **receio**), o paralelismo com as outras seqüências permite que eles possam ser considerados como tipos de formações regressivas verbais. **Mutatis mutandis**, é o que se pode dizer da segunda série: **festa/ festejar/ festejo**. Não há regra, em português que faculte a adjunção do sufixo -ejo a um substantivo. Exige-se, pois, a mediação de -ejar.

O autor mostra ainda que critérios de base puramente semântica não constituem argumentos sólidos para descrever a direcionalidade da derivação, como o proposto por Barreto(cf.seção 2.1.4). Sandmann mostra a fragilidade deste critério semântico, apresentando exemplos de nomes como **grita**(gritar), **sobra**(sobrar) que, apesar de ligados a verbos correspondentes, não possuem natureza dinâmica, poderiam ser considerados regressivos, de acordo com a seqüência N→V.

Noutras seqüências, porém, o percurso derivacional seria V → N a exemplo de **atropelo**. A motivação para o processo derivacional deste substantivo obedeceria ao estipulado na primeira seqüência, ou seja, **tropel** (A) → **atropelar** (B) **atropelo** (C). De **atropelar** originou-se também **atropelamento** e **atropelação**. Dai, o autor deduz a terceira série, conforme demonstrada abaixo:

| A | B | A | B |
|----------|-----------------|-----------|--------------|
| Derramar | Derramamento | Destacar | Destacamento |
| | Derrama/derrame | | Destaque |
| Levantar | Levantamento | Deslizar | Deslizamento |
| | Levante | | Deslize |
| | | Sustentar | Sustentação |
| | | | Sustento |
| Procurar | Procuração | | |

| | |
|---------|-------------|
| Sufocar | Procura |
| | Sufocamento |
| | Sufocação |
| | Sufoco |

Esta série serve para mostrar que para se formar substantivos que designam ação em português, empregam-se os sufixos **-ção**, **-mento**, **-agem** e **-dura** como nos exemplos: **comunicar/comunicação**, **metralhar/metralhamento**, **ancorar/ancoragem**, **laquear/laqueadura**. Além destes quatro processos aditivos, há ainda um processo subtrativo que completa o quadro dos processos de formação dos substantivos de ação em língua portuguesa; a derivação regressiva.²³

Acrescente-se que estes regressivos que competem com uma forma sufixal, como assinala o autor, devem ser nomes de ação, do contrário, poderíamos analisar nomes como **marca**, que não tem um caráter de dinamicidade, junto com **marcação**, que possui o traço de dinâmico, como formas derivadas do verbo **marcar**.

Convém assinalar ainda que, para essas formas que apresentam mais de uma formação derivada de uma mesma base verbal, faltou ao autor verificar o comportamento semântico do regressivo em relação ao sufixal, no sentido de observar que tipo de especialização ou expansão semântica ocorre entre eles e quando a regra do bloqueio, tal como formulada por Aronoff (1976), pode ser evocada, como fez, por exemplo, Cano (1993), para os nominais sufixados em **-ção** e **-mento**; e foi ensaiado pelo próprio Sandmann (apud Azevedo, 1993) para os deverbais em geral.

Sandmann afirma, por último, que a vogal final das palavras formadas por derivação regressiva é uma tema à parte porque é difícil determinar, em alguns casos, a escolha da vogal final no processo. Os verbos, por exemplo, terminados com o sufixo, podem derivar substantivos em **-o** (**afrouxo**), em **-e** (**desarme**) e em **-a** (**desossa**). Nestes casos é

²³ Séries motivadas morfologicamente, como pondera Kehdi (1995), servem também para mostrar o que não é um derivado regressivo. A título de exemplificação, o autor dá a seguinte tríade: **gole / engolir /**

possível uma previsão da escolha da vogal final porém, em inúmeros outros casos, não se é capaz de prever esta vogal final. Destas, entretanto, depende o gênero do substantivo regressivo da língua portuguesa: os terminados em **-o** e **-a** são masculinos (**o sufoco**, **o desarme**); os terminados em **-a** são femininos (**a desossa**), isto só vem corroborar com a proposta de Said Ali (1964) em tipificar os deverbais de acordo com o gênero do substantivo.

3.1.3. Derivação regressiva verbal por morfema aditivo.

Sandmann (1991 e 1992), diferentemente de Sandmann (1987), defende a idéia de que as terminações **-a**, **-e** e **-o**, presentes nos deverbais regressivos, são um caso de morfema sufixal aditivo (**busc-a**, **implant-e**, **manej-o**). Em outras palavras, não teríamos mais uma derivação regressiva e sim uma derivação sufixal aditiva como as demais.

Para destacar o valor sufixal da vogal do regressivo verbal, o autor se apoia basicamente em dois argumentos. O primeiro argumento afirma que a vogal final dessas palavras não é sempre igual à vogal temática do verbo. O segundo argumento assevera que a vogal final desses nomes não é sempre exigida pela estrutura silábica da nossa língua. Transpomos abaixo o argumento, que, embora longo, fazemos questão de transcrever:

Poder-se-ia dizer, por exemplo, que **engorda** (de engordar) o **-a** é exigido pela estrutura silábica do português, que não permite que o fonema **d** esteja no declive da sílaba. O mesmo se poderia afirmar de **lavra** (de lavar) e **embarque**. Se considerarmos agora que em **embalo** (de embalar), **procura** (de procurar) e **devassa** (de devassar) por exemplo, a vogal final não é exigida pela estrutura silábica, cai por terra o argumento de que é um mero complemento vocálico da palavra que não pode terminar em **[d]**, **[vr]** ou **[k]**. Deve-se acrescentar, aliás, que se essa vogal fosse um simples fecho vocálico que impedisse palavras com sílabas diferentes das permitidas pela língua, essa vogal seria sempre **-e**, como aconteceu na adaptação de empréstimos ao português: **snob** – **esnobe**; **club** – **clube**; **check** – **cheque**. Se a vogal final dos chamados substantivos pós-verbais não é sempre a mesma vogal que a vogal temática do verbo e se não é sempre simples apêndice vocálico exigido pela

goela, da qual pode-se deduzir que **gole** não é um derivado regressivo de **engolir**, mas um derivante do

estrutura silábica da língua, podemos dizer que é um sufixo formador de substantivos, de substantivos chamados nomes de ação, e isso não obstante seu diminuto corpo fônico. Ora, se essa vogal é um sufixo, ela é o DM, o núcleo da nova palavra, enquanto a base verbal que lhe deu origem é o DT, o adjunto.(1992, 75)

Quanto ao fato de esse suposto sufixo constituir-se apenas de uma vogal nada impede de se ver aí um sufixo lexical, pois, de acordo com o lingüista, há afixos em português formados de uma só vogal(**i-moderado, a-comodado, e-migrar**).

O autor ainda discorre sobre a previsibilidade da vogal nesses deverbais, nos seguintes termos:

A despeito disso não temos nenhuma hipótese a levantar, a não ser de que muitas vezes é possível prever qual a vogal não aparecerá: é o caso de **mame – desmamar - desmame, justo –ajustar – ajuste, fruta/fruto – desfrute**, etc. No caso de deverbais formados de verbos parassintéticos, a vogal final desses deverbais é, em geral, diferente da base que deu origem ao verbal: **mama**, mas **desmame, justo**, mas **ajuste** sendo que de **casca** se formou **descascar** e daí **descasque** ao lado de **descasca**, sem contar **descascação, descascamento, e descacadura**.(1991,45-6)

Quem se ocupou, também, em dar um tratamento estrutural e descritivo à derivação regressiva, acentuando que nos deverbais regressivos ocorre uma adição, foi Carone (1986). De acordo com esta autora, para a análise desses deverbais, poder-se-ia postular um morfema cumulativo, ou **portemanteau**, processo pelo qual um único morfe pode ser amalgamado em mais de um morfema. Assim, em pares como **descascar/descasca, cortar/corte e recuar/recuo**, a vogal pela qual termina o nome seria interpretada como vogal temática nominal e sufixo, simultaneamente. Para isso, a autora argumenta:

Segundo Hjelmslev(1971, p.77), uma base só se define como verbo ou nome pelos morfemas extensos ou intensos que a ela se articulam, o que se aplica para os casos em questão.(p.41)

Acrescente-se que **morfemas extensos** são os verbais porque seu

aspecto atinge a frase inteira, diferentemente dos **morfemas intensos**, que são os nominais porquanto se confinam ao sintagma nominal.²⁴

Face a análise de Carone, caberia perguntar-nos se este suposto sufixo seria do tipo derivacional ou flexional. Se caso este elemento terminal for entendido como um sufixo flexional, então ele não pode servir como um elemento formador de palavras por derivação, pois sua função é apenas expressar relações gramaticais.

De acordo com Basílio (1991), se considerarmos como elemento básico o tema verbal, neste tipo de derivação, teremos apenas o acréscimo de sufixos flexionais como **-e**, **-o** ou **-a** para a formação de substantivos de verbos. Ademais esta discussão é apenas taxonômica e não resolve a questão da precessão das bases.

3.2. A derivação regressiva verbal nas abordagens gerativistas.

Introdução

Apresentaremos, numa primeira seção, a contribuição de Basílio (1980 e 1991) em dois momentos: num primeiro instante, em que a autora lança mão de um critério estritamente morfológico para tratar da direcionalidade do processo; e num segundo momento, em que o critério favorecido é um de base semântico-discursiva. Na terceira seção, estudaremos a proposta de Gamarski (1988), que privilegiou critérios, não somente de base morfológica, mas também de caráter sintático-semântico na determinação da direcionalidade entre N/V. Por fim, na última seção, trataremos da abordagem de Lobato (1995), que descrente da possibilidade de se estabelecer a direcionalidade do processo derivacional, postulou uma entrada lexical neutra, segunda a qual haveria como que uma raiz comum a verbo e a nome.

²⁴ Para a noção de extenso e de intenso e da tipologia de pleremas (radicais e afixos) e de morfemas, consulte-se Llorach (1981).

3.2.1. As propostas de Basílio.

Num primeiro momento, Basílio (1980) aborda o fenômeno dentro do processo de nominalização. A escolha do termo deve-se ao fato de a autora querer manter uma neutralidade com respeito ao processo morfológico envolvendo na relação N / V. Basílio aqui considera a direcionalidade do processo derivacional irrelevante e assevera:

Assim, o termo **nominalização** deverá cobrir não apenas nomes deverbais, mas também nomes morfológicamente básicos associados a processo verbos mais especificamente, a nominalização consiste num processo de associação lexical sistemática entre nomes e verbos. (p. 74)

A análise de Basílio está apoiada em um critério estritamente morfológico para tratar da direcionalidade do processo morfológico, rejeitando, assim, critérios de base sintático-semântico por não constituir, segundo a autora, bases seguras para a classificação.

Como observa Faraco (1979), Basílio continua a usar o termo nominalização, apenas como um processo morfológico e, não, como um conjunto de regras do subcomponente transformacional, isto de acordo em parte com o espírito do célebre estudo de Chomsky **Remarks on nominalizations**(1970).

A respeito de um único critério para o tratamento do processo, Gamarski (1988) conclui:

[...] a adoção de um critério estritamente morfológico na determinação da direcionalidade do processo de derivação na relação Nome / Verbo acarreta problemas, pois não visualiza aspectos essenciais da questão, não só de caráter morfológico como também de envolvimento sintático-semântico. (p.236)

É baseada nas regras de análise estrutural (RAE) e regras de formação de palavras (RFP)²⁵ que Basílio afirma que os deverbais em português podem apresentar tanto uma interpretação verbal como nominal,

²⁵ As RFPs representam o mecanismo de adição a bases (formas livres) para a formação de palavras novas. As RAEs representam as regras que analisam a estrutura interna das palavras. Uma RFP, segundo Basílio, implica uma RAE, o inverso, porém, não é verdadeiro.

de acordo com o contexto, daí a rejeição da autora, neste momento, de aceitar critérios de natureza sintático-semântico para tratar do processo. O substantivo **fuga**, por exemplo, apresenta estes dois sentidos em:

A fuga de João preocupou a todos. (sentido verbal)

Pedro preparou a fuga de João. (sentido nominal)

Para tratar das relações N / V em português, a autora optou por interpretar nomes morfologicamente básicos, partindo da análise de três seqüências, a saber:

| | | | | | |
|-----------|----------|---------|----------|----------|-------------|
| 1. Verbo | Nome | 2. Nome | Verbo | 3. Nome | Verbo |
| Lutar | luta | venda | vender | matiz | matizar |
| Vender | venda | escolha | escolher | pedal | pedalar |
| Comprar | compra | fuga | fugir | origem | originar |
| Fugir | fuga | perda | perder | valor | valorar |
| Tocar | toque | | | condição | condicionar |
| Abandonar | abandono | | | função | funcionar |
| Almoçar | almoço | | | | |

Do resultado da análise, Basílio postulou a seguinte regra para a descrição dos pares da seqüência (1) e (3).

$$[X]_N \rightarrow [[X]_{NA}]_V$$

onde, dado um nome X terminado na vogal Y, é possível prever que sua contraparte terminará em -a

Já para os pares como os de (2), a análise seria: dado um verbo terminado em -a, não é possível se prever a vogal final do nome correspondente. Disto, a autora concluiu que, nos pares da seqüência (1) e (3), o nome é morfologicamente básico.

Sandmann (1993) responde a esta interpretação de Basílio com esta crítica:

Como ditas as formas regressivas (**descasca** ou **descasque**) é menor que a forma verbal de que se diz que ela provém (**descascar**) e como há, ao lado daquela, outros substantivos deverbais com um claro acréscimo

(descascamento, descascadura) e, além disso, a vogal final dos regressivos ser imprevisível (desmamar – desmame, aumentar – aumento, devassar-devassa) e os verbos terem a vogal temática - à exceção são alguns mais antigos: fugir - fuga, há a tentação de estabelecer a direcionalidade descasca - descascar - descascamento, o que é, no mínimo, contra-intuitivo se considerarmos o paralelismo a descasca do café - o descascamento do café, em que descasca e descascamento mostram ter a mesma grade temática. (p.70)

Em outras palavras, a direção que Basilio havia determinado como N →V, Sandmann considerou o contrário, V → N.

Num segundo momento, Basílio (1991) trata do fenômeno como um todo, centrando sua atenção, porém, nos regressivos deverbais. De acordo com a autora, uma formação só deve ser considerada como deverbal quando puder ser usada com sentido verbal. Como pode-se observar, Basílio apela para um critério eminentemente semântico para o reconhecimento de um derivado regressivo verbal em português. A autora confirmou, de certa forma, esta idéia noutro artigo seu, intitulado *A função semântica na substantivação do adjetivo*, em que afirma categoricamente:

[...] a função semântica é o fator básico na operação e na própria existência de regras de formação de palavras. (1986, 53)

Para Basílio, portanto, em exemplos como: *A demora de Maria está aborrecendo Pedro*, o vocábulo **demora** seria um tipo de formação deverbal porque teria, noutro contexto, um sentido verbal, veja-se *Pedro está ficando aborrecido porque Maria está demorando*. Agora, numa frase como *O enfeite de Maria não durou muito*, **enfeite** não seria um deverbal de **enfeitar** porquanto não teria uma contraparte com o sentido verbal: **Maria não demorou se enfeitando* ou **Maria não demorou muito sendo enfeitada*.

Para a autora, esta análise se deve à própria função dos processos de substantivação de verbos, pois geralmente se forma substantivos abstratos a partir de verbos para atender as exigências sintático-semânticas do discurso,

implica uma RAE, o inverso, porém, não é verdadeiro.

razão pela qual a produtividade dos processos de substantivação de verbos é bastante elevada.

Uma dessas exigências é exatamente a de o nome assumir um sentido de verbo dentro de uma visão nominal ou ainda de dar ao significado do verbo uma forma sintática de substantivo a fim de que possa aparecer em determinadas estruturas discursivas, em que um verbo não caberia sintaticamente. Daí Basílio argumenta:

Ora, se uma palavra não preenche as funções da substantivação de verbos, cremos ser razoável dizer, na falta de outras evidências, que essa palavra não é substantivo deverbal. Do mesmo modo, devemos considerar como substantivo deverbal o substantivo que, sendo morfológicamente relacionado a um verbo, apresentar a relação verbo/nome prevista como uma função dos processos de substantivação de verbos. (p.43).

Como já foi ressaltado, a adoção de um único critério para a derivação e análise do processo não é viável, pois alijaria muitos casos em que só a junção de mais de um daria conta do processo em pauta. Isto sem mencionar o fato de autora já ter realçado, noutro momento, o critério semântico para a análise desses casos.

Em resumo, a contribuição de Basílio para a derivação regressiva verbal pode ser analisada sob dois momentos específicos. Num primeiro instante, a autora estudou o processo dentro de um fenômeno maior; à **nominalização**. Este termo é usado para aludir não somente a nomes deverbais, mas também a nomes morfológicamente básicos associados a verbos. Ao usar o termo nominalização, a autora objetivou também, manter a neutralidade com relação à direcionalidade do processo morfológico envolvido. Para a análise dos regressivos, a autora propôs, na impossibilidade de se estabelecer um critério seguro para a direcionalidade do processo derivacional, em vista de critérios sintático-semânticos pouco sólidos, a adoção de um critério eminentemente morfológico, segundo o qual o nome deve ser tomado como básico e o verbo como derivado na relação N/V quando não houver marca explícita de acréscimo morfológico. Num

segundo momento, Basilio trata dos deverbais regressivos identificando-os com base em critérios semânticos-discursivos. Segundo ela, uma formação deve ser analisada como deverbal quando puder ser usada com sentido verbal e quando puder atender as exigências das estruturas discursivas na relação com o verbo correspondente. Demais, foram mostradas as críticas que podem ser feitas a proposta da autora no que diz respeito ao uso de único critério de análise e quanto à direcionalidade do processo derivacional.

3.2.2. A contribuição de Gamarski.

Gamarski (1988) analisou os derivados regressivos em português ancorando-se nas propostas lexicalistas, oriunda da Gramática Gerativa. A atenção da autora está voltada , em especial, para o modelo de Relações Temáticas e do Princípio de Projeção proposto por Jackendoff (1972), princípio que foi retomado por Chomsky (apud Gamarski, 1988)) para o sistema de regras da gramática. Convém fazer aqui, à guisa de contextualização, uma breve exposição sobre estes modelos.

3.2.2.1. As Relações Temáticas e o Princípio de Projeção.

Em *Semantic interpretation in generative grammar* (1972), Jackendoff propôs um quadro conceptual das relações temáticas a fim de caracterizar as funções semânticas que um SN desempenha na estrutura sintática. Estabeleceu as seguintes funções²⁶:

1. Tema ou paciente (X)
2. Fonte ou origem (Y)
3. Alvo ou direção (Z)
4. Locativo (L)
5. Agente (W)

²⁶ As quatro primeiras foram assentadas por Gruber(1965)

Nesse esquema, a função principal seria a de Tema. Toda frase conteria um SN que funcionaria como Tema. Ele seria o principal participante da proposição que a oração expressa. Em frases que aparecem verbos de movimento, o Tema seria definido como um SN que sofre a moção; a Fonte seria a expressão que indicaria de onde o Tema se move; enquanto o Alvo seria o termo que denotaria para onde o movimento se dirige. Quanto à função Locativo, seria atribuída por verbos que designam localização. Neste caso, o SN cuja localização está sendo afirmada seria o Tema, e a expressão que indicasse o lugar seria o Locativo. A seguir, damos exemplos destas quatro funções, na ordem estabelecida acima.

(1) a. Os presos fugiram da penitenciária para o morro.

(X) (Y) (Z)

b. José ficou em casa.

(X) (L)

Jackendoff propôs também que as relações temáticas poderiam ser aplicadas a outros tipos de verbos que não fossem de movimento e locativo. Em verbos, por exemplo, que exprimissem uma noção abstrata ou psicológica de movimento ou localização, bem como em verbos que descrevessem uma mudança de estado, a teoria das relações temáticas seria igualmente aplicável.

(2) a. Ninguém recebeu ajuda dos guardas.

(Z) (X) (Y)

b. O metal ficou preto.

(X) (Y)

A função de Agente teria o papel de atribuir ao SN um sentido de causa, volição ou instigação da ação expressa na sentença. Como corolário, apenas os SNs com um traço semântico [+animado] poderiam ser identificadas como Agente.

Em trabalhos posteriores, Jackendoff (apud Gamarski, 1988) postulou dois tipos de agentividade. Uma primeira em que o Agente determina a ação ou é a sua causa e outra, em que o Agente não promove o acontecimento, apenas permite que ele ocorra.

- (3) a. *Pedro vendeu o livro*
 b. *O banco reteve o dinheiro*
 c. *João aceitou o presente*

Em (3a) e (3b), temos o primeiro tipo de agentividade; já em (3c) temos um caso do segundo tipo.

No sistema de Jackendoff, o sujeito pode exercer duas funções: a de Agente e a de Alvo. Assim, a função de Agente seria a única das relações temáticas que poderia funcionar, ao mesmo tempo, como agente e outra relação temática qualquer.

Noutro momento, Jackendoff (1975), com base nesta caracterização das funções temáticas, estabeleceu um tipo de regra de projeção semântica atuante no léxico, segundo a qual as funções semânticas do verbo deveriam estar superpostas na representação do nominal derivado²⁷. Exemplifiquemos com um caso de regressivo verbal:

- (4) a. *O jato voou de São Paulo para Rio de Janeiro*
 b. *O vôo do jato, de São Paulo para Rio de Janeiro, durou duas horas.*

O verbo **voar** e sua contraparte nominal **vôo** apresentam os mesmos papéis temáticos. Em (4a) há um verbo de movimento em que o sujeito tem a função de Tema e os dois argumentos que desempenham a função de Origem e Alvo, no caso os SNs **São Paulo** e **Rio de Janeiro**, respectivamente. Em (4b), ocorre projeção dos marcadores semânticos do verbo **voar** no nome **vôo** e, assim, a presença das mesmas funções temáticas do verbo.

Esta regra de projeção, aliás, foi retomada por Chomsky (apud Gamarski, 1988), quando estabeleceu o Princípio de Projeção em que as propriedades de atribuição de papel temático (θ) a cada item lexical têm que ser representadas em

²⁷ Lees(1968), em perspectiva transformacional, como lembra Borba(1996), é também da opinião de que os nomes só correspondem a verbos quando há completo paralelismo construcional. Caso contrário, isto é, quando o verbo correspondente gera uma frase agramatical, o nome figurará no léxico como nome e não como verbo.

cada nível sintático, ou seja, na estrutura-S, na estrutura-P e na Forma Lógica, mantendo-se assim, uma relação coesa entre estes três níveis.

Assentados os pressupostos teóricos que norteiam o estudo de Gamarski, passemos a analisar a proposta da autora para a derivação regressiva em língua portuguesa.

3.2.2.2. A proposta de Gamarski.

É propósito da pesquisa de Gamarski fazer uma descrição do processo em tela sob os aspectos morfológico, semântico e sintático, no sentido de considerar critérios desta mesma ordem para a determinação da direcionalidade do processo de derivação na relação N/V, e não esbarrar no equívoco de adotar um critério de uma só natureza, como fizeram alguns autores ao estudar o mesmo processo.

Gamarski assume a posição de que o sistema de relações temáticas, proposto por Jackendoff, somado ao princípio de projeção semântica, postulado por este mesmo lingüista e reformulado por Chomsky, pode ser estendido à morfologia derivacional, no sentido de que a forma nominal, morfologicamente derivada, traz consigo os mesmos argumentos semânticos do verbo a que ela estar vinculado. Em outras palavras, a autora parte do pressuposto de que se o nome apresenta os argumentos fundamentais de sua contraparte verbal, ele será derivado do verbo²⁸. Se, por outro lado, o nome não tiver uma vinculação com os argumentos do verbo a que está relacionado, então ele será básico. Assim, por exemplo, o nome **culpa** seria básico porquanto não haveria elementos suficientes para subcategorizá-lo com um nome derivado do verbo **culpar**. Veja:

A perícia culpou Pedro

** A culpa a/em Pedro não foi aprovada*

Em contrapartida, no par **denunciar/denúncia** haveria uma relação biunívoca entre as funções temáticas do verbo e as do nome. Nesse caso, **denúncia** seria derivado de **denunciar**. Observe:

Os jornalistas denunciaram ao público o golpe iminente.

²⁸ Gramáticas normativas, de forma superficial, também atentaram para este aspecto sintático-semântico da relação nome/verbo, ao estudar o complemento nominal. Observaram a transitividade do nome na estrutura N+SP, seu caráter ativo, seu traço de abstrato e a associação mantida com um verbo transitivo.(cf. Lima(1989)).

A deminúcia do jornalista ao público, de um golpe iminente, causou sensação.

É necessário observar ainda, segundo Gamarski, que a estrutura semântica de alguns verbos, e conseqüentemente a dos nomes deles derivados, nem sempre se atualizam sintaticamente, mormente por duas razões: primeiro, por já estarem lexicalizados no verbo ou contidos no seu significado e segundo, por poderem ser omitidos na sentença.

É digna de nota a ressalva que Basílio(1996) faz a esta análise de Gamarski, ao ponderar que:

A proposta de Gamarski, no entanto, pode não ser a mais adequada para o caso em pauta, dado que nominalizações apresentam tanto função designadora quanto categorial e poderíamos esperar correspondência temática explícita apenas nos casos de função categorial. Por outro lado, temos substantivos básicos que apresentam estrutura argumental análoga à de verbos, sem apresentarem verbos correspondentes, conforme colocado, embora em outros termos, em Chomsky (1970). Considerem-se os exemplos abaixo:

- a. *O ódio de Pedro a pessoas ruivas.*
- b. *O horror de Pedro a lugares abafados.*
- c. *O conceito/ convicção/ noção/ idéia de Pedro de que...*
- d. *A declaração/ proposta/ proposição/ sugestão de Pedro de que...*
- e. *Dizem alguns que no Brasil as leis são meras sugestões.*
- f. *Todas as propostas serão devidamente examinadas.*

Em a., b. e d vemos que substantivos não relacionados a verbos e formas nominalizadas deverbais apresentam estrutura temática equivalente. Em e. e f., vemos formas nominalizadas deverbais em contextos em que a explicitação de estrutura temática é no mínimo questionável. Ora, se tanto verbos quanto substantivos podem apresentar EA explícita ou não, a utilização da correspondência de EA não pode ser usada como critério definitivo para estabelecermos que uma dada forma é substantivo deverbal ou morfologicamente básico. (p. 365-7)

Estudando ainda as condições sintático-semânticas em que deverbais regressivos são produzidos, Gamarski analisa a interpretação verbal e nominal na relação N/V, asseverando que:

[...]de um modo geral, a contraparte nominal de um verbo de ação que apresenta interpretação nominal (IN) é uma forma básica, ao passo que a contraparte de um verbo de ação que apresenta interpretação nominal e verbal (IN e IV) é uma

forma nominalizada, no sentido de que é interpretada como um nome deverbal, independentemente do processo morfológico de derivação a que tenha sido submetido. (p.71)

Assim, o nome **desvio**, por exemplo, pode ser considerado como um deverbal regressivo, pois apresenta tanto uma leitura verbal como uma nominal

(1) *O desvio de verbas de um órgão para outro foi sua primeira ação à frente da teoria.*

(2) *Não é preciso passar pelo desvio²⁹.*

Já o nome **almoço** é um nome básico porque só apresenta interpretação nominal:

(1) *O almoço de Paulo está na mesa.*

(2) **O almoço de Paulo às 11h foi um ato inoportuno.*

Apesar disso, Gamarski chama nossa atenção para o seguinte questão:

Ainda que a presença de IV e IN não seja, por si só, argumento suficiente para a subcategorização dos nomes deverbais regressivos - uma vez que há nomes morfológicamente derivados não portadores de IV (*sobrevivência, acontecimento, etc.*) - ela é um fator a considerar na subcategorização dos nomes correspondentes a verbos de ação, relevante para o reconhecimento da DR como um processo atuante de formação de palavras na língua. (p. 72)

Há que diferenciar, entretanto, entre interpretação verbal e interpretação como ação, conforme assinala Lobato (1995). O que Gamarski está denominando de interpretação verbal pode ser entendido, na verdade, como interpretação como ação. Assim, nomes como **desejo**, derivado de um verbo denotador de sentimento, apresenta uma interpretação verbal, pois está associado a um radical verbal. Tanto isso é verdade que ele projeta todos os argumentos semânticos herdados da base verbal. Veja: *Paulo deseja comprar um carro* / *O desejo de Paulo de comprar um carro preocupou os seus pais*. O que se pode afirmar, por outro lado, é que ele não

²⁹ Meyer (1991) segue, de certa forma, proposta semelhante. Com base no aparato teórico-metodológico da gramática funcional, a autora, refletindo sobre o complemento nominal a partir das formas nominalizadas derivadas sufixais, postula que a forma nominal tem valor verbal quando estiver atuando na função de predicador, pois herdar a estrutura predicativa completa do seu verbo-base. Por outro lado, a forma nominalizada tem valor nominal quando estiver atuando na função de argumento. Nesse caso, por seu valor nominal, abandona a estrutura argumental da base, embora mantenha o valor semântico da macroclasse a que pertence o verbo-base. (cf. *O pedreiro construiu sua própria casa* / *A construção da própria casa pelo pedreiro significou uma boa economia* / *A construção fica no Grajaú*).

carrega uma leitura dinâmica, já que a base verbal a que está vinculado não é um verbo de ação e, portanto, não apresenta a leitura como ato de X.

Outro fator a ser considerado a este respeito é que a subcategorização dos deverbais regressivos, a partir da interpretação verbal e nominal que eles apresentam, pode sugerir uma visão muito polarizada do processo. Ora, entre interpretação nominal e verbal, podemos observar uma série de sub-espécies de leituras nesses deverbais, que vai desde processo de X, resultado de X, passando por evento de X, fato de X até modo de X.

Afora esta análise de base sintático-semântica, Gamarski, observando o comportamento de prefixos eminentemente verbais com relação a características de base postulou um argumento de caráter morfológico para distinguir nomes básicos de nomes derivados objetivando, desta forma, mostrar a precedência envolvida no processo.

A autora, ao analisar a relação entre as bases e os prefixos de repetição **re-** e os prefixos de negação **des-** e **in-**, marcadamente verbais, percebeu que os deverbais regressivos admitem estes tipos de prefixos, o que reflete as características de verbos a que estão relacionados, com tendência para uma leitura verbal, além da nominal. Veja alguns exemplos:

desamparo

despovoamento

reensaio

inconveniência

deinteresse

reinício

A autora acrescenta:

Constituindo, então, um prefixo eminentemente verbal, é de se esperar que seja compatível com forma que apresentem interpretação verbal, sejam elas básicas ou mesmo derivadas que se situam apenas no âmbito da interpretação nominal (***realmoço**, ***recabelo**, etc.) (p.79).

Noutras palavras, formas que não são compatíveis com a adjunção desses prefixos, ou seja bases não verbais, não se tornam aceitáveis. (***remúsica**, ***reflor**, ***desorelha**, ***desalmoço**).

Outra hipótese da autora é considerar que os sufixos contribuem para realçar a interpretação verbal dos deverbais ao passo que a ausência de sufixo, que é a marca dos regressivos, contribui para enfatizar a interpretação nominal. Segundo a autora:

Tal colocação estabelece que sufixos não são meros marcadores sintáticos e que regras morfológicas podem ser condicionadas por propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas da base e pelos possíveis significados das formas subjacentes. (p. 174).

Gamarski procura demonstrar essa posição através de exemplos, dos quais observaremos alguns:

- (1). a. *A acumulação de cargos por servidores públicos será proibida*
 b. *A acumulação de bens se fez por um processo lento e gradual*
- (2). a. *O início dos trabalhos pela comissão de sindicância ocorreu sem problemas.*
 b. *O início das provas pelos candidatos foi um processo tumultuado.*

A autora pretendeu corroborar sua hipótese também lançado mão de exemplos da prosa de Guimarães Rosa, colhidos de **Grande Sertão; Veredas**³⁰.

Eis alguns:

Como quando trovejou: desse trovão de alto e rasto (GS, 91)

É hora de um tiroteamento em paz (GS, 26)

Totalmente, também, se carecia de tomar repouso e aguardo (GS, 55)

Pode-se notar, através dos exemplos acima, que o autor de **Corpo de Baile** substitui, conforme Gamarski, regressivos por sufixais e estes por aqueles ou até mesmo por formas básicas. Da análise desses dados, Gamarski chega à seguinte conclusão:

Veja-se que estes deverbais neológicos podem apresentar tanto interpretação verbal quanto nominal; nas circunstâncias, porém, em que se dá a substituição de um sufixal por um regressivo resulta mais nítida a interpretação nominal, assim como da

³⁰ No âmbito do discurso literário, registrem-se dois estudos da língua portuguesa sobre os regressivos verbais: um realizado por Versiani (apud Lobato, 1995) em **Grande Sertão; Veredas** e outro feito por Jucá Filho (apud Assumpção, 1986), na obra de José de Alencar.

substituição da forma regressiva pela sufixal enfatiza-se a interpretação verbal.

(p179)

Essa hipótese admitida por Gamarski colide com a posição vigente da Teoria Lexicalista, segundo a qual os sufixos são meros marcadores sintáticos, não passando pois de simples marcadores transcategoriais. (cf. Jackendoff (1975))

Observando alguns dos exemplos citados por Gamarski para refutar a proposição acima, ficamos a refletir se são os sufixos nominalizadores que emprestam ao nome esta leitura dinâmica ou se são as próprias bases verbais a que

estão associados estes nomes, que se encarregam disso. Se tomarmos a forma sufixal **acumulação**, um dos exemplos tomados pela autora, e substituíssemos por um regressivo de mesma base verbal, no caso o nome **acúmulo**, seria possível ainda assim, um sentido verbal (cf. *O acúmulo de grandes riquezas é um ato reprovável*). Parece, pois, que não é somente o prefixo o responsável por esse tipo de leitura, mas o sentido da base do verbo a que este nome está vinculado.

Não estamos admitindo, por outro lado, a posição extremada de que os sufixos não apresentam sentido algum. Reconhecemos que sufixos há que têm significados específicos. Basta citar os sufixos agentivos em **-dor** (**administrador, varredor, etc.**).

Falta-nos examinar, por último, uma última hipótese de Gamarski para o estabelecimento das condições morfológicas e semânticas necessárias para a produção dos regressivos verbais.

Gamarski examina em seguida a seguinte proposta de Basílio (1980), segundo o qual:

- (1) um nome pode servir de base para a formação de verbos, mas verbos devem ter uma contraparte no léxico;
- (2) deve-se esperar que um deverbal seja formado, sempre que um verbo não é de base nominal;

(3) se, por outro lado, o verbo já possui um nome a ele relacionado no léxico, não existe então pressão para a formação de um nome deverbal.

Contrário a isso, deve-se prever, pela noção de bloqueio, proposta por Aronoff (1976), que a maior parte dessas formações seja bloqueada.

Gamarski reformula a proposta, ao considerar que:

Embora se baseie, na aceção de que qualquer verbo deve ter um nome a ele associado no léxico (a relação N/V sendo tomada como constante) e que um nome básico pode não ter um verbo a ele associado (a formação de verbos denominais sendo imprevisível), a proposta aqui formulada vai diferir da proposta de Basílio, no sentido de que de verbos denominais podem também derivar nomes deverbais e que a formação de nomes deverbais sufixais, seja regressivos, obedece a processos regulares de formação de palavras. (p.139-40)

Trocando em miúdos, a proposta da autora é que se o verbo é denominal, nada impede a formação de um nome deverbal, como pretende Basílio (cf. proposição (2)). A formação de nomes deverbais é sempre possível, com tendência a que uma nova forma sufixal seja criada quando o verbo é denominal, havendo, para este caso, bloqueio para formação de nominal regressivo, morfológicamente semelhante ao nome básico:

voto > votar > votação

roda > rodar > rotação

agito > agitar > agitação

Se, por outro lado, o verbo é denominal, mas produzido com a adição de um prefixo (através da parassíntese), um nome regressivo e/ou um sufixal poderá ser produzido:

via > enviar > envio

tom > entoar > entonação

caixa > encaixar > encaixe

Por sua vez, se o verbo é não-denominal, de base presa, é previsível a formação de um regressivo e/ou sufixal:

derivar > deriva > derivação

sufocar > sufoco > sufocação

vincular > vínculo > vinculação

Entretanto, da análise de verbos denominais de terminação freqüentativa em **-ear** ou **-ejar**, a autora observou que destes verbos freqüentativos podem ser formados regressivos ou sufixais, o que parece a princípio contrariar o princípio norteador para os não-freqüentativos, através dos quais nominais sufixais podem ser formados a partir de verbos denominais. São alguns exemplos:

chilrear – chilreio

pestanejar – pestanejo

grampear – grampeio – grampeamento³¹

Mas estes dados, segundo Gamarski, não contrariam a proposição de que de verbos denominais só se pode derivar nominais sufixais, pois:

A presença do sufixo freqüentativo, produzindo uma nova forma verbal presa, não só confirma a regra, como afasta a possibilidade de ambigüidade entre a forma derivada regressiva e o nome básico o que explica a produção de nominais sufixais ou regressivos a partir de verbos denominais. (p.241)

A par desses dados, Gamarski pretendeu, de forma geral, caracterizar morfologicamente a derivação regressiva como a transformação de uma forma presa em uma forma livre, através da substituição da VT verbal por VT nominal. Para os casos dos regressivos de base freqüentativa, a autora ainda observou que eles sempre terminam pela vogal **-o** (**festej-o**, **espumej-o**, etc), atualizando-se pela seguinte regra: $[[X]-a]_V \rightarrow [[X]-o]_N$

Em que pese a proposta de Gamarski em caracterizar os regressivos verbais em português a partir dos comportamento morfológico e semântico, ela deixa algumas lacunas.

Em primeiro lugar, não é dito explicitamente, como já foi assinalado, que critério foi utilizado para tipificar os verbos em denominais e não-denominais. A

³¹ Dessa proposta, podem-se perceber pontos de convergência e divergência com a abordagem de Sandmann(1987). Assim como este autor, Gamarski preocupa-se em mostrar, através de um critério eminentemente morfológico, a precedência derivacional nos regressivos verbais por meio de pares relacionadas morfologicamente. Contrário ao que propõe Sandmann, porém, a autora vê, em pares como **agito/agitar/agitação**, o nome **agito** como básico, ancorada na premissa de que de um verbo denominal(**agitar**, no caso), só há possibilidade para a formação de um sufixal(no caso, **agitação**). A questão é saber que parâmetro foi utilizado para afirmar que **agitar** é denominal de **agito**, e não considerá-lo como mais um derivado do verbo básico **agitar**, junto com **agitação**. Sandmann afirmaria que, nesse caso, a precedência seria: **agitar** > **agito**, **agitação** devido ao mesmo paralelismo sintático entre **agito** e **agitação** (cf. *O agito dos estudantes/A agitação dos estudantes*), pois a igual dinamicidade dos pares, herdada da base verbal, e o próprio uso coordenado revelariam uma direção semelhante no processo derivacional.

posição assumida, para alguns casos, parece ser arbitrária. Como postular, por exemplo, que o verbo **votar** é denominal de **voto**, tendo o verbo a formação sufixal **votação** (voto > votar > votação), e afirmar, por outro lado, que mudar é não-denominal, podendo-se esperar dele dois derverbais: um regressivo (**muda**) e um sufixal (**mudança**) (mudar > muda > mudança)? Ora, se formos cotejar as formas acima, tendo como base o critério da estrutura temática, proposto pela própria autora, as parênteses do verbo **votar** mostram ter o mesmo comportamento sintático-semântico, herdado da base verbal, ou seja, mesmo número de argumentos sintáticos com as mesmas funções semânticas. (cf. *Os eleitores votaram para presidente/ O voto dos eleitores para presidente terminou em tumulto/ A votação dos eleitores para presidente terminou em tumulto*) Assim **voto**, parece comportar-se, em determinados contextos, da mesma maneira que o sufixal **votação**. Ao contrário, na série com o verbo **mudar**, não ocorre o mesmo. Basta averiguar o paralelismo nas seguintes frases: *Pedro mudou-se para São Paulo./ A mudança de Pedro para São Paulo./ *A muda de Pedro para São Paulo.* A agramaticalidade da última frase deve-se ao fato de o nome **muda** ter perdido seu estatuto de um nome abstrato e hoje possuir somente uma força nominal concreta. Seja como for, faltou um critério preciso que legitime a distinção verbo denominal e não-denominal.³²

Outra questão a ser considerada é que não foi mencionado como se poderia tratar verbos que apresentam duas formas regressivas para um mesmo verbo, como é o caso de: **troca** → **troco, troca**; **custar** → **custo, custa**; **pagar** → **pago, paga**, etc. Seriam eles verbos denominais ou verbos não-denominais com duas formas derivadas regressivas?

Em resumo, Gamarski, sob a luz da teoria lexicalista, procura analisar as características sintáticas, semânticas e morfológicas que definem os regressivos verbais em português.

Sob o aspecto sintático semântico, a postula que no deverbal regressivo, devem estar superpostas as funções temáticas do verbo correspondente. Assinalamos, com Basílio (1996), que esta proposta de Gamarski é insatisfatória

³² Para uma problematização sobre a análise dos denominais em português, v. Basílio e Martins (1996).

para explicar o processo em pauta, visto que podemos ter substantivos básicos que apresentam mesma estrutura argumental de verbos, sem, todavia, apresentarem verbos correspondentes.

Sob uma ordem eminentemente semântica, Gamarski caracteriza os deverbais regressivos correspondentes a verbos de ação, como tendo interpretação nominal e interpretação verbal. A este respeito, destacamos, com Lobato (1995), que há de se distinguir interpretação verbal de interpretação como ação. Assim, o derivado regressivo **desejo** tem uma interpretação verbal, dada a herança temática recebida do verbo correspondente. Já o nome regressivo **luta**, por exemplo, possui, além de interpretação verbal, interpretação como ação, pois tanto apresenta a mesma estrutura actancial do verbo que o derivou, como encerra uma leitura dinâmica.

Por fim, com relação a um critério marcadamente morfológico, Gamarski verifica que o comportamento de prefixos eminentemente verbais presentes nos regressivos, bem como séries analógicas motivadas morfológicamente podem revelar uma direção inequívoca no processo de derivação na relação N/V. Acreditamos que, dentre os critérios postulados pela autora, este é o mais preciso para resolver o problema da direcionalidade, pois esta questão deve encontrar resposta no âmbito da morfologia. A este propósito, é digno de nota o que Basílio(1996) afirma com muita propriedade:

Concluimos, então mais uma vez que a questão da direcionalidade do processo nesses casos deve ser resolvido apenas em termos morfológicos, já que apenas nesses termos uma real direcionalidade, parecendo haver no aspecto sintático-semântico numa permanente associação entre acepções nominais e verbais, independente da direcionalidade da formação. (p. 379)

3.2.3. A contribuição de Lobato.

Lobato (1995) procurou dar um tratamento gerativo aos deverbais sob a perspectiva da Teoria da Regência e Ligação.

Passemos, antes de analisar propriamente a proposta da autora, a considerar, em linhas gerais, o arcabouço teórico que lhe serviu de referência.

3.2.3.1. A nominalização na gramática gerativa.

É sabido que uma das primeiras propostas de análise dos nominais no âmbito da teoria gerativa foi feita por Chomsky no celebrado artigo **Remarks on Nominalizations** (1970), no qual propôs a hipótese lexicalista, em detrimento da hipótese transformacionalista, para explicação das estruturas nominalizadas. Neste artigo, o lingüista assumiu, entre outras coisas, a hipótese da unicidade dos verbetes.³³

Nessa abordagem, o léxico é constituído de uma lista de entradas lexicais, sendo algumas delas neutras, ou seja, entradas em que não são especificadas o traço categorial da base, pois primeiro são explicitadas características comuns do verbo e do nome derivado, e só depois então as peculiaridades (idiossincrasias) associadas aos traços categoriais são especificadas para finalmente serem inseridas na sintaxe da língua. Ao propor a entrada lexical neutra, Chomsky desejou lançar mão de um recurso para captar generalizações entre a estrutura verbal e nominal, no sentido de evitar a duplicação de informações comuns entre o verbo e nominal referentes às restrições seletivas e à subcategorização.³⁴ Assim, por exemplo, **destruir** e **destruição** teriam uma base categorialmente neutra **destrui-**, sob a qual as características comuns do verbo e do nome seriam acrescentadas.

Em **Remarks on Nominalizations** (op.cit.), Chomsky inaugura ainda o modelo X-barras³⁵, cujo princípio norteador é o chamado **Princípio da Endocentricidade**, segundo o qual todo sintagma é projeção do seu núcleo. A adoção da convenção sobre o uso de barras nas estruturas sintáticas teve, como mostra Lobato, os seguintes objetivos:

- (i) caracterizar a relação entre núcleo e sintagma (como q entre V e SV, N e SN, P e SP), de modo a explicar a impossibilidade de ter, por exemplo, um SV com N por núcleo ou um SP com V como núcleo;
- (ii) expressar as categorias gramaticais universalmente possíveis em termos de combinação de um número pequeno de traços primitivos (por exemplo, com as

³³ Para um repasse crítico sobre a hipótese transformacionalista e a hipótese lexicalista, v. Basílio (1980).

³⁴ Uma problematização sobre a hipótese lexicalista se encontra em Basílio (op.cit.).

³⁵ Para uma apresentação em português sobre a teoria X-barras e seus subseqüentes refinamentos, v. Lobato (1986) e Raposo (1992).

diferentes combinações dos traços [\pm verbal] e [\pm nominal] são definidas as categorias N, V, A e P: N resulta da combinação dos traços [- verbal] e [+ nominal]; V, dos traços [+ verbal] ; A, dos traços [+ verbal e [+nominal], e P, dos traços [- verbal] e [- nominal]);

(iii) explicar o fato de que os diferentes sintagmas têm basicamente a mesma estruturação interna, o que faz pensar que eles sejam a realização de um único esquema abstrato (por exemplo, em português, os complementos de qualquer categoria gramatical sempre ocorre à direita do seu núcleo e os especificadores ocorrem em geral à esquerda, como acontece com os artigos, ou à esquerda e à direita, como acontece com adjetivos e advérbios). (p.217).

Assim, toda categoria X só pode se projetar em SX, um V só pode se projetar em SV, um N em SN, um P em SP e assim por diante.

Mais tarde, Chomsky propõe a Teoria da Regência e Ligação. Diferentemente dos outros modelos, que privilegiavam o sistema de regras, esta teoria pretende ser um sistema de princípios universais rígidos e de parâmetros abertos capazes de explicar a organização da chamada Gramática Universal, daí a teoria ser também denominada de **Teoria de Princípios e Parâmetros**.

Com esta abordagem, o léxico ganha maior relevo, pois as predições feitas anteriormente pelas regras sintagmáticas podem agora ser feitas a partir da convenção de barras aliada aos princípios postulados pela teoria. Com a eliminação das regras sintagmáticas, a derivação de uma determinada seqüência parte sempre de escolha de algum item do léxico. Depois de escolhido o item lexical que vai dar início à derivação, segue-se à informação sobre sua estrutura argumental, ou seja, suas especificações sobre papel de Agente, Tema, Meta, Locação dos argumentos combinados à categoria eleita, só então é inserida na estrutura sintática. Para isso são evocados, conforme, Lobato, alguns princípios, como:

(i) o Princípio de Projeção, que exige as especificações dos itens quanto aos seus complementos sejam projetadas em todos os níveis de representação sintática, (ii) o Critério teta, que exige que a cada argumento seja atribuído exatamente um papel temático e que cada papel temático a ser atribuído seja atribuído a exatamente um argumento e (iii) provavelmente também o Princípio de Predicação que, em termos informais, estabelece que um predicado é um predicado de algo de algo, e, portanto, exige a presença dos sujeitos oracionais. (p.219-18).

Firmados os postulados teóricos que pautam a proposta de Lobato, examinaremos doravante a sua abordagem propriamente dita.

3.2.3.2. A proposta de Lobato.

Para Lobato, os substantivos deverbais e os verbos correspondentes provêm de uma mesma base comum e não um do outro. A questão da direcionalidade, portanto, é alijada da análise, pois, segundo a autora, trata-se de assunto da cronologia vocabular.

Sob esta perspectiva, a autora procurou definir a derivação regressiva verbal como projeção do radical de um verbo e acréscimo da VT.

Seguindo, assim, a proposta de Chomsky da unicidade dos verbetes, Lobato estabelece que, para os regressivos verbais, pode-se apresentar a forma do radical na entrada do verbete, expondo os traços comuns a verbos e a nome e depois suas características idiossincrásicas. Elege-se, portanto, o verbo para a forma derivante e o deverbal regressivo como projeção desse núcleo, explicitando-se as formas fonéticas, o que pode ser demonstrado pelo exemplo abaixo:

Critic: (agente, tema)

V [[critic]a]r]

N[[]a]]

A autora se propõe a analisar as seqüências: *João critica o livro/ A crítica de João ao livro* procurando explicitar, dentro da convenção X-barra, a estrutura argumental das categorias em destaque (**criticar/crítica**), bem como analisar o movimento dos constituintes oracionais e os princípios que operam sobre eles a fim de demonstrar que:

Na proposta de derivação regressiva, é evidenciado o fato de a teoria gerativa ser atualmente um sistema de princípios e não mais um sistema de regras, sendo que é a interação de diferentes princípios da teoria, aliada a propriedades idiossincrásicas da língua, que leva ao bloqueio de seqüências e à geração gramaticais. (p.229)

Esse tipo de análise abre espaço para alguns questionamentos. Primeiro, esta proposta nos deixa entrever que, essa suposta entrada lexical não se apresenta

tão neutra com respeito à informação categorial. Parece haver tendência de eleger o verbo com categoria lexical maior.

Segundo, parece que esta abordagem só se justifica para analisar casos **ad hoc**, pois ao propor estas entradas pode-se estar excluindo a possibilidade de certos nomes derivados terem entradas específicas no léxico, já que sabemos que há deverbais regressivos que mantêm relações semânticas e sintáticas particulares com o verbo a que se vincula. Basta atentar para o seguinte exemplo:

O assobio de João acordou a criança (**assobio**: ato de assobiar)

O assobio de João está quebrado (**assobio**: instrumento com que se assobia)

Percebe-se que para cada construção não há uma única estrutura argumental. A combinação dos argumentos, por exemplo, do primeiro termo é distinta da dos argumentos selecionados pelo segundo.

Perguntamos, por fim, como pode ser estabelecida, por exemplo, uma entrada categorialmente única **sufoc-** para **sufOcar** e para **sufOco** (existindo ainda as formas **sufoco**, **sufocação**) se entre o verbo e nome ocorre o processo de metafonia (/o / ~ / > /). Seria complicado inserir uma restrição do tipo [+ metafonia] à descrição, até porque seria lançar mão de mais um recurso **ad hoc**. Mais complicado ainda será saber como incluir numa mesma entrada lexical várias formas derivadas com diferenças morfológicas, sintáticas e semânticas tão marcantes: **sufoc**:

sufocar/sufoco/sufocação /sufocamento

Embora Lobato rejeite, a única saída parece ser a criação de entradas lexicais específicas, o que descaracterizaria a proposta das entradas lexicais únicas.

Resumindo, o tratamento gerativo que Lobato deu para os regressivos verbais encontra a aporia de se uma proposta **ad hoc**, não prevendo as relações idiossincrásicas entre N/V, no que tange às diferenças sintático-semânticas e morfofonológicas estabelecidas entre as bases.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: OS REGRESSIVOS NOMINAIS

Introdução

Tão controversos quanto os regressivos verbais são os regressivos nominais, embora estes não ostentem regularidade e produtividade em relação aos deverbais regressivos.

Polêmicas cercam o assunto: autores há que colocam o fenômeno sob uma perspectiva diacrônica, outros, diferentemente, pensam que o *état de langue* pode tratar deste tipo de formação de palavras.

Resolvemos segmentar este capítulo levando em consideração dois planos de análise para a derivação regressiva nominal: o diacrônico e o sincrônico.

4.1. Os regressivos nominais: o plano diacrônico.

Analisamos no capítulo anterior (cf. seção 3.2.3.1.) que Chomsky propôs, para analisar as formas nominalizadas do léxico, a Teoria da Entrada Neutra, segundo a qual nome e verbo de mesma base devem ter entrada única no léxico porque compartilham das mesmas propriedades sintático-semânticas.

Contrariamente a isso, Jackendoff (1975) postulou que as palavras devem apresentar entradas plenamente especificadas no léxico,

relacionadas por regras de redundância morfológica e semântica, assim chamadas porque a informação (semântica e morfológica) contida numa entrada lexical pode ser prevista pela existência de um item lexical relacionado. Essa é a chamada Teoria da Entrada Plena. Por meio dessas regras de redundância, o lingüista procurou estabelecer relações entre séries como **agression - agressor - aggressive** ou como **retribution - retributive**, denominando-as, como é conhecido em inglês, **back-formation**. O problema que daí emerge é que a base **agress**, para a primeira parêntese, e a base **retribute**, para o segundo par, não são formas existentes no léxico.

Para resolver este impasse, Jackendoff estabelece que quando formas hipotéticas como **agress** e **retribute**, se instauram na língua, dada a existência de formas derivadas da mesma base, é possível uma reestruturação em que **agress** e **retribute** passam a ser tomadas como básicas, pois a derivação regressiva (**back-formation**) não seria reconhecida como tal pelos falantes que, pelo processo de reestruturação do léxico, tomariam como básica o que, na verdade, era uma forma derivada regressiva.

O autor oferece então uma descrição sob uma perspectiva diacrônica para estas formações. A este propósito, tomemos uma citação esclarecedora do lingüista:

Eu especulo que o verbo **agress**, que parece ter somente um status marginal em inglês, é ainda avaliado como uma derivação regressiva, isto é, como um derivado de **agression - agressor - aggressive**, e não como sua raiz subjacente. Portanto a teoria lexicalista das nominalizações provê uma descrição do processo diacrônico da derivação regressiva que faz mais do que simplesmente eliminar um traço da regra sobre um item lexical hipotético: pode também descrever um passo crucial de reestruturação. (p.650)³⁶

³⁶ I speculate that the verb **agress**, which seems to have only marginal status in English, is still evolved as back-formation, i. e. as a derivate of **agression - agressor - aggressive**, and not as their underlying root. Thus the lexical theory of nominalizations provides a description of the diachronic process of back-formation which does more than simply erase a rule feature on a hypothetical lexical item: it can describe the crucial step of restructuring as well. (p. 650)

Por outro lado, diferentemente de Jackendoff, Aronoff julga a teoria das entradas independentes e especificadas, mas relacionadas através das regras de redundância arbitrária. Para ele, esta teoria não explicaria o caso de **condite**. O linguista propõe então que só uma teoria em que palavras derivam de palavras listadas no dicionário, pode explicar a derivação regressiva. Portanto, formações regressivas só podem ser descritas numa teoria em que cada palavra tem uma entrada independente³⁷.

Todavia, assim como Jackendoff, Aronoff (1976) concorda que a criação de regressivas nominais só se explicam pela diacronia:

Como Marchand acentua, derivação regressiva só é de relevância diacrônica. Ela consiste da extração de uma nova palavra vinda de uma já existente que parece ser bimorfêmica. (p. 27)³⁸

A forma **peddler**, citada pelo autor como um caso de derivação regressiva em inglês, seria historicamente monomorfêmica. Entretanto, como é um agentivo, morfologicamente marcado pela adição do sufixo **-er**, esse **-er** de **peddler** (mascate) seria tomado como sufixo e a forma **peddle** usada, por conseguinte, como um verbo, parece ser, dessa forma, bimorfêmica. Outros exemplos de formação de verbos através do processo da derivação regressiva nominal em inglês podem ser citados: **editor/edit**, **actor/act**, **creditor/credit**, **inspecor/insptect**.

Tietze (apud Sandmann, 1987) procura também mostrar que só sob um plano diacrônico pode-se analisar os verbos denominais derivados de nomes agentivos, como **peddle/peddler**, **bake/baker**, **make/maker** etc. Este autor demonstra que as formas regressivas precedem cronologicamente os verbos correspondentes. Corbin (1987) e Guilbert (apud Corbin, op.,cit.) confirmam este tipo de análise, considerando, entretanto, dados do francês como **agresser/agresseur**.

³⁷ Para uma proposta alternativa a partir da análise crítica destas teorias, v. Basílio (1980)

³⁸ "As Marchand (1969) stresses, back-formation is of diachronic relevance only. It consists of extraction of a new word from na already existing words which appears to be bimorphemic". (p. 27)

Outros autores de língua inglesa que adotaram a dimensão diacrônica para a análise dos regressivos nominais foram Chrystal (1988), Bolinger e Sears (apud Chrystal (op. cit., verbete **derivação regressiva**)), Anderson, (1992) e Matthews (1993). Merece destaque o nome destes dois últimos autores pelas análises mais detidas.

Matthews, embora reconhecendo que a derivação derivacional para casos do inglês como os já citados anteriormente, se justifica pela análise diacrônica, estabelece que outro pode ser o percurso da sincronia. A ordem sincrônica estabelece que **generate**, por exemplo, derivou **generator** e **generation** e, a partir daí, propõe-se a analisar as características semânticas do processo, no sentido de observar o sentido sintático das formas derivadas, bem como a produtividade dessas formações.

Admitindo também que este tipo de formação se explica pela diacronia, Anderson trata os regressivos nominais como um processo esporádico, considerando na sua análise, questões de ordem morfofonológicas de casos como **perishabe/perish**, **confort/confortable**, etc.

Entre autores de língua alemã, houve também lingüistas que trataram dos denominais regressivos num enfoque diacrônico, como lembra Sandmann (1987). O autor cita os nomes de Fleischer, Bergenhotz & Mugdan que afirmam serem formações das do tipo aqui apresentadas assunto da diacronia.

Resta examinar agora se estes dados de outras línguas têm validade frente aos dados do português.

Se tomarmos inicialmente verbos relacionados com substantivos agentivos como **legislar/legislador**, a exemplo do que acontece no inglês em **peddle/peddler**, poderíamos afirmar que a ordem diacrônica estabelece que **legislador** derivou **legislar** e não o contrário (**legislator>legislare**). No estado atual da língua, entretanto, não se pode dizer o mesmo: **legislar** é um regressivo nominal de **legislador**, como quer Gamarski (1988) e Lobato (1995).

A este propósito, Gamarski assinala:

A existência de relações sistemáticas entre verbos e nomes do tipo de (2-3) também vem a explicar produção de formas verbais regressivas como *legislar*, *corretar* e *colar*, a partir de *legislador*, *corretor* e *colação*, respectivamente:

(2) $[X]_v \rightarrow [[X]_v -dor]_N$

(3) $[X]_v \rightarrow [[X]_v -ação]_N$

Nas formas primitivas *legislador* e *colação* identificar-se um nome agentivo X -dor e uma forma nominalizada X -ação como formadas sobre bases de função verbal, acrescidas, respectivamente, de sufixo agentivo nominalizador. (p.218)

A seguir, a autora continua:

Da mesma forma que nos casos de *sarampo* e *rosmano*, a derivação de formar como *legislar* e *colar* não leva a esperar que o mesmo venha necessariamente a ocorrer em todos os casos em que haja na parte terminal do vocábulo uma sequência fonológica -dor, -(t)or ou -ção, como em *autor*, *embaixador*, *asserção*, *condição*, *ilação*, etc. (p.218)

Custa-nos crer nesta análise pelo simples fato de atualmente a forma -or (-dor) figurar entre os sufixos nominalizadores de agente, como ocorre em *jogador*, *decorador*, *pescador*, *vendedor*. A motivação derivacional num plano sincrônico é distinta, portanto, da do diacrônico: *legislar* derivou *legislador*.³⁹

Portanto, deprender *legislar* como derivado de *legislador* só é possível em termos diacrônicos, isto sem falar que, para casos também tomados como regressivos nominais, nem sempre o segmento destacado é verdadeiramente sufixo, como em *sarampão*>*sarampo*, *rosmaninho*>*rosmano*, embora Lobato insista em apontar estes últimos casos como exemplos de derivação regressiva nominal, argumentando:

Na literatura gramatical, são apontados, entre outros exemplos, *gajo* e *sarampo*, que teriam sido formados a partir *gajão* e *sarampão*,

³⁹ Uma análise sincrônica dos agentivos em -dor como processo de formação de palavras, conforme os postulados da teoria lexicalista está em Basílio (1980).

respectivamente, numa interpretação errônea da terminação -ão como sufixo aumentativo. Na verdade, tais exemplos sofrem o mesmo processo de derivação dos deverbais, em que a um dado radical se acrescenta uma vogal temática nominal. Isso é, também nos casos de derivação regressiva de origem nominal não há uma simples supressão de um dado sufixo (ou suposto afixo). Dado que o sufixo -ão é uma unidade indivisível, se tivesse havido simplesmente uma supressão teríamos obtido *gaj* e *saramp*, e não *gajo* e *sarampo*. É evidente então que ao suposto radical se acrescentou uma vogal temática.

Face a isto, a questão que se põe é: se fatos como os acima analisados não podem ser considerados regressivos nominais sob uma perspectiva sincrônica, dado o dimensionamento histórico que o processo exige, que casos então podem ser descritos num plano puramente sincrônico? É o assunto da próxima seção.

4.2. Os regressivos nominais: o plano sincrônico.

Introdução

Nesta seção, examinaremos três propostas, todas de base lexicalista, que trataram os denominais regressivos numa perspectiva sincrônica, quais sejam: 1) a proposta de Basílio que analisa formações agentivas das do tipo: **sociologia** → **sociólogo**; 2) a proposta de Gamarski que, além dos casos analisados por Basílio, estuda os nomes instrumentais (**telegrafista** → **telégrafo**), bem como formações de adjetivo dos do tipo: **topografia** → **topográfico**; 3) a proposta de Lobato que, pressupondo como casos de derivação regressiva nominal as formações estudadas pelas autoras precedentes, procura caracterizar os regressivos nominais como uma formação vocabular feita por uma projeção do radical de outro vocábulo.

4.2.1. Basílio: formações agentivas.

Basílio (1981) utiliza o termo **derivação regressiva**, definindo-a como um processo sincrônico de formações de palavras através da

supressão de um elemento formador. A derivação regressiva é representada aqui, de acordo com a seguinte regra.

$$[XY]_B \rightarrow [X]_A$$

onde a categoria A é atribuída a X, que, de base presa, passa a forma livre.

Por outro lado, para que haja a derivação regressiva é necessário que se identifique a categoria lexical da base. A regra, portanto, sofreria uma restrição. A derivação regressiva só terá lugar se se puder atribuir univocamente uma categoria lexical a uma base presa.

A par disso, a autora analisa um caso de formação regressiva de agentivos em português⁴⁰, do do tipo:

| Nome Abstrato | Adjetivo | Agentivo |
|----------------------|-----------------|-----------------|
| futurologia | futuroológico | futurólogo |
| ecologia | ecológico | ecólogo |
| mulherologia | mulherológico | mulherólogo |
| ufologia | ufológico | ufólogo |
| psicografia | psicográfico | psicógrafo |

Diante destes dados, Basílio observa que a formação de agentivos relacionados a formas **X-ia/X-ico** só pode ser feita por derivação regressiva se X construir uma base composta. Ou seja, para que este tipo de derivação se configure é necessário que se identifique uma base presa para, em seguida, transformá-la numa forma livre. Em casos, portanto, de alguns formações como:

| Nome abstrato | Adjetivo | Agentivo |
|----------------------|-----------------|----------------------|
| anemia | anêmico | *ânemo, *anemista |
| Afasia | afásico | *áfaso, *afasista |

⁴⁰ Basílio (1980) já havia assumido essa posição ao admitir que, através deste tipo de formação, contrariamente ao que Aronoff (1976) afirmava, há possibilidade de novas palavras serem formadas diretamente na base de radicais presos e não somente a partir de palavras. Em Basílio (1981), essa investigação prosseguiu.

O espaço dos agentivos não seria perfeitamente preenchido, pelo fato de formas como *ânemo e *áfaso não constituírem uma base composta. Diante dos casos analisados argumenta:

Na verdade a opacidade fonológica poderia inclusive nos levar a questionar a viabilidade da derivação regressiva nesses casos. No entanto, não podemos negar que a formação de agentivos regressivos (...) é comum, embora de uso mais restrito que a formação -ista (p.27).

Basílio reconhece ainda que formações regressivas com agentivos constituem fato complexo⁴¹, primeiro, pelo processo de ser de uso mais restrito do que outras formações e depois pelo o alto teor de opacidade fonológico devido ao recuo do acento. No caso, por exemplo de formas como futurologia, futurológico e futurólogo, em que o segundo radical do adjetivo sofreu uma mudança fonética, causado pela mudança acentual, teríamos um bom exemplo para as suas ressalvas.

A propósito, Gamarski (1988) acrescenta:

(...) enquanto na produção do adjetivo X-ico há um recuo da tonicidade para o segundo radical, na produção do agentivo por derivação regressiva efetua-se uma operação em que a tonicidade transpõe mais de uma fronteira de radical, o que representa na verdade, uma operação mais complexa⁴² (p.223).

Em resumo, Basílio tratou da derivação regressiva nominal como um processo de relevância sincrônica a partir da análise da formação de agentivos, examinando o fenômeno na relação paradigmática X-ia, X-ico, X-isto, X-o, em que X-o é um regressivo nominal depreendido pela transformação de uma base presa em uma forma livre.

4.2.2. Gamarski: nomes instrumentais e adjetivos.

A partir da análise de formações complexas em X-ia feita por Basílio, para o caso dos agentivos; Gamarski atentou para uma série de

⁴¹ Jota (1981, cf. verbete *derivação regressiva*) reconhece também a realidade deste caso de derivação regressiva nominal em português e afirma que a própria língua grega conhecia bem este tipo de derivação (*philosophos* de *philosophia*).

⁴² Examine-se, para uma comprovação do supra dito os seguintes exemplos: geo-graf-ia geo-gráf-ia geó-graf-o).

outros fatos referentes à forma complexa **X-ia**, verificando que formações com esse tipo de base podem:

1) produzir formas regressivas em **-a** ou **-o**, sem recuo do acento para o primeiro radical:

| | | |
|------------|-------------|-----------|
| democracia | democrático | democrata |
| pedagogia | pedagógico | pedagogo |

2) corresponder formas **X-o**, não agentivas; no caso, adjetivos que atuam no lugar ou paralelamente às formações em **X-ico**:

| | | |
|-----------|-------------|----------|
| monotonia | *monotônico | monótono |
| autonomia | *autônômico | autônomo |

3) corresponder formas em **X-o**, sendo interpretadas como nomes agentivos ou adjetivos que atuam no lugar de **X-ico**, ou seja com a leitura aquele que atua **X-mente**, no caso dos agentivos; é aquele que tem a propriedade de **X-ia**, para os adjetivos:

| | | |
|------------|--------------|-----------|
| anglofobia | *anglofóbico | anglófobo |
| xenofilia | *xenofílico | xenófilo |

4) corresponder a adjetivos ou nomes em **X-ico**, mas não a agentivos em **X-ista** ou **X-o**:

| | | | |
|-----------|------------|-----------|-------------|
| paralisia | paralítico | *paráliso | paralisista |
| hemofilia | hemofílico | *hemófilo | hemofilista |

5) apresentar, além das formas adjetivas em **X-ico**, formas nominais em **X-o** ou sufixais em **X-ista**, com referentes distintos: a forma **X-o** com o traço [- Hum], atua como instrumental; a forma sufixal **X-ista**, com o traço [+ Hum], atua como um agentivo:

| | | | |
|-------------|--------------|------------|---------------|
| termometria | termométrico | termômetro | termometrista |
| telégrafo | telegráfico | telégrafo | telegrafista |

6) corresponder uma forma **X-ista**, agentiva, e uma forma **X-ico** adjetiva ou nominal, sendo ambas formações sufixais com uma interpretação instrumental para as formas **X-ico**:

| | | | |
|-----------|------------|-----------|--------------|
| Anestesia | anestésico | *anésteso | anestesista |
| Analgesia | analgésico | *análgeso | +analgesista |

7) corresponder a adjetivos em **X-ico**, mas não agentivos regressivos:

| | | | |
|------------|-------------|------------|---------------|
| Alegoria | alegórico | *alégoro | alegorista |
| Hemorragia | hemorrágico | *hemórrago | ?hemorragista |

Ante a análise desses fatos descritos acima, a autora considera que, para que a derivação regressiva nominal possa ser formada, é necessário que na base **X-ia** seja identificada uma forma complexa, composta de dois radicais, a partir da seguinte regra: $[X (X_1 - X_2) -ia]_N$.

Essa condição, embora necessária para os regressivos nominais atuarem, não é suficiente, pois podem-se ter outros fatos implicados como, por exemplo, a ocorrência de formas complexas **X-ia/X-ico** que não geram derivados regressivos, ainda que possam vir a produzir agentivos em **X-ista** (especialista em **X-ia**: hemofilia hemofílico *hemófilo +hemofilista). Existem também formas complexas de padrão **X-ia/X-ico** que não correspondem a formas regressivas ou sufixais em **X-ista** (v. exemplo 4), de formas regressivas, mas não de sufixais (v. exemplos de 1-3), de formações sufixais, mas não de regressivas (v. exemplos 6 e 7) ou de ambas as formas, porém com referentes distintos (v. exemplo 5).

Demais, foi constatado que formas complexas em **X-ia/X-ico** podem produzir formas regressivas que não são nomes agentivos, mas adjetivos (cf. exemplos de 2), ou regressivos que podem atuar tanto como agentivos como formas adjetivais.

Enfim, análise de todos esses dados levou a autora a basicamente duas conclusões.

Primeiro, a opacidade fonológica observada na relação **X-ia/X-o** não se mostra constante, dada a ocorrência de algumas formas de alta produtividade na língua (**X-cracia/Xcrata**) nas quais, ao contrário das primeiras, a tonalidade se desloca para somente uma fronteira do radical, tornando, assim, a operação menos complexa. Portanto, podem-se ter forma regressiva em **-o** e em **-a**, condicionadas à especificação do segundo radical. Além dos nomes agentivos de regressiva em **X-o** e em **X-a** a partir da forma complexa **X-ia**, observamos a existência de regressivos também em **X-e**: **cartomancia**>**cartomante**, **quiromancia**>**quiromante**.

Segundo, a produção dos regressivos nominais (nomes agentivos, nomes instrumentais ou adjetivos, sua tonicidade, seu caráter morfológico e significado têm, como princípio subjacente, uma relação paradigmática **X-ia/X-ico/Xista**, o, a onde **X-ia** é uma forma complexa que depende do caráter morfossemântico da base e da especificação do segundo radical (**misanTROPIA +misantrópico misântropo misântropo**)

[X-ia]_N [X-ico]_{Adj} [X']_{Adj N[+Hum]} [X']_{Ag}

4.2.3. Lobato: denominais regressivos como projeção de um radical.

Ao abordarmos no capítulo anterior a proposta de Lobato para os regressivos verbais, observamos que a autora, a partir da Teoria da Regência e Ligação, definiu este processo de formação de palavras como sendo a projeção do radical de um verbo com o acréscimo de uma vogal temática.

Para o caso da análise dos regressivos nominais, a proposta é a mesma, só que como se trata de denominais, a projeção do radical não é somente de verbo (**legislador/legislar**), mas de nomes (substantivos: **filosofia/filósofo**, e adjetivos: **homofonia/homófono**).

Em outras palavras, os regressivos nominais em português são formas obtidas através da projeção do radical de um nome (substantivo ou adjetivo) ou de um verbo e, por exigência das características morfológicas da língua, acréscimo de vogal temática.

Como se pode perceber, a proposta de Lobato não trata de descrever casos específicos de regressivos nominais, como as abordagens anteriores se ocuparam, mas dá como pressuposto os tipos de derivação regressiva nominal já analisados por Basílio e Gamarski. A partir daí, procura conceituar este tipo de derivação como provinda do

radical em comum projetado do derivante acrescida de uma vogal temática.

Sumarizando, neste capítulo procedemos à discussão dos denominais regressivos sob dois ângulos: um diacrônico e outro sincrônico. Sob a perspectiva diacrônica, os autores são unânimes em admitir que os regressivos nominais só se prestam a uma análise histórica, argumentando que, se estes casos reconhecidos como denominais regressivos forem submetidos a um exame sincrônico, se tornarão formações sufixais (**legislar/legislador, sarampo/sarapão**). Sob a perspectiva sincrônica, há casos em que se pode reconhecer tipos reais de derivação regressiva nominal: são as formações geradas a partir das formas complexas em **X-ia**: agentivos em **X-o** (**filosofia/filósofo**), agentivos em **X-a** (**democracia/democrata**) e agentivos em **X-e** (**cartomancia/cartomante**). Ocorre, assim, o mesmo que acontece com os regressivos verbais no que tange às vogais terminais: **-a**, **-e** e **-o**, descontando as particularidades morfofonológicas entre um e outro derivado regressivo. Percebemos, por fim, que, além de formações agentivas derivadas da base **X-ia**, há ainda casos de adjetivos e nome instrumentais geradas deste mesmo tipo de base que podem ser tomados como regressivos nominais.

CONCLUSÃO

Propomo-nos nesse trabalho a uma análise crítica da derivação regressiva em português levando em consideração a descrição que fez dela filólogos, gramáticos e lingüístas. Pretendemos examinar tanto os regressivos verbais quanto os nominais.

Com respeito à derivação regressiva verbal, o problema maior que cerca o assunto é saber que critérios precisos podem ser propostos para se verificar a procedência das bases na relação V/N.

Na tradição dos estudos filológicos-gramaticais, há uma tendência de acatar o nome como derivado e o verbo como derivante em pares como: **caçar / caça, fugir / fuga, escolha / escolher**, mormente levando em conta dois critérios: a redução do corpo fonológico do vocábulo e a interpretação do nome como um substantivo abstrato de ação.

Quanto ao primeiro critério, os autores raciocinaram do seguinte modo: entre duas formas de mesma base é preferível supor que a que possui mesma massa fônica seja a derivada e a outra, a que lhe seu origem. A este respeito, é comum no domínio desses estudos se usar termos relacionados ao campo semântico do termo **redução** para caracterizar a derivação regressiva verbal, como uma mera redução do vocábulo **regressão, remoção, encurtamento, retirada, apócope**, etc.

Observamos que uma análise como este deixa de contemplar exemplos como **embarcar / embarque**, em que há duas vogais temáticas diferentes no par N/V, isto sem falar da alternância de acento presente no exemplo citado.

Quanto ao critério de tipificar o primitivo como nome abstrato de ação tal como foi assumido por Barreto e posteriormente seguindo por toda a tradição gramatical, deixa problemas sérios, pois se sabe que nem todo nome derivado se permite a uma leitura verbal de ação e há nomes considerados básicos que possuem uma interpretação como ação. Demais, este critério restringe os regressivos aos nomes de ação e negligencia outros parâmetros semânticos, tais como os adotados por Chaffe: estado, processo e ação-processo.

Com relação à derivação regressiva nominal, o que as gramáticas normativas classificam como denominais regressivas são, na verdade, casos de abreviação (**estranjeiro / estranja, delegado / delega**) ou truncamento fonológico (**lamaçal / lamal, esgarçado / esgarço**), pois diferentemente da derivação regressiva nominal, não se tem, nestes casos uma palavra nova, mas uma palavra de mesma subcategorização lexical e mesmo significado, sendo estrita ainda ao registro coloquial.

Nestes compêndios são citados também como caso de regressivo nominal exemplos como **sarampão/ sarampo, aceiro / aço, rosmaninho, rosmano**. Embora reconheçamos, em exemplos como estes, formações regressivas nominais, de um ponto de vista puramente sincrônico, todavia, não é possível estabelecer a sua seqüência derivacional para os casos supra mencionados. O estado atual de língua portuguesa diz, por exemplo, que **sarampo** é a base de **sarampão**, ainda que um estudo diacrônico mostrasse o contrário, ao afirmar que **sarampão** é um ataque forte de **sarampo**.

Na esfera das pesquisas lingüísticas, os problemas para a caracterização da derivação regressiva permanecem. Ou seja, continua-se a se refletir, nos casos dos deverbais regressivos, sobre a direcionalidade derivacional do processo e, nos casos dos denominais regressivos, sobre que

formações podem ser consideradas como tais e sob que perspectiva diacrônica ou sincrônica, eles podem ser estudados.

Para o caso dos regressivos verbais, de todas as propostas analisadas, duas delas chamam em especial nossa atenção: a de Sandmann (1987) e a de Gamarski (1988).

A proposta de Sandmann em oferecer uma motivação para precessão das bases, através de séries triádicas, mostra as seguintes vantagens:

- a) aborda o assunto no âmbito da morfologia e, por contraste.
- b) Alheia-se a problemas relacionados ao jogo metonímico de abstração e concretude de sentido.
- c) Sugere haver nomes de leitura semântica reestruturada em relação aos verbais. Por exemplo **aterro**, que é praticamente só concreto, no uso, vem de **aterrar** de modo que a leitura *ato ou efeito de aterrar* registrada pelo Aurélio (1981), é artificial; **engordar**, se aplica a nomes animados, humanos ou não, **engorda**, por seu termo, se aplica ao gado.

Parece-nos, todavia, que se a motivação é notória para caso como **gordo / engordar / engorda, mata / desmatar / desmate**, ela fenece um pouco em relações puramente diádicas, como **lutar / luta, jogar / jogo**. Para esses casos em que não há marca nítida de acréscimo morfológico, Basílio (1980) arbitra por considerar o nome básico e o verbo derivado. Sandmann (1991 e 1992) analisa estes casos como derivação sufixal, ao argumentar que a vogal que em que terminam esses nomes ;é um sufixo, pois se fosse um simples fecho vocálico que bloqueasse palavras com sílabas diferentes das permitidas pelo sistema, essa vogal seria sempre **-e**, como ocorreu na adaptação de empréstimos ao português: **snob-esnobe, club-clube, check-cheque**

A abordagem de Gamarski, por sua vez, está pautada principalmente na base dos papéis temáticos. Se há correspondência na estrutura argumental de verbo e nome, então este será tomado como básico. Em outras palavras, o nome regressivo deve ter a mesma seleção de categorias semânticas do verbo.

Esta hipótese de ordem sintático-semântica peca por vários motivos, dentre os quais podemos assinalar os seguintes: primeiro, o critério, por esta fundamentado num suporte de base semântica, transcende o que entendemos por morfologia, e faz a derivação discrepar de outros processos como a prefixação e sufixação, no sentido de estas formações serem identificadas mais pelo aspecto morfológico que pelo semântico; segundo, a proposta supõe que somente verbos possuem estrutura argumental própria, excluindo, assim, a possibilidade de nomes terem sua própria grade temática.

As vantagens da proposta de Gamarski, por outro lado, consistem na intenção da autora em descrever os regressivos verbais sob um critério eminentemente morfológico. Sob este aspecto, sua abordagem tem alguns pontos de contato com a proposta de Sandmann. Assim como este, a autora procurou mostrar também que a direcionalidade do percurso derivacional pode ser visualizado pela integração do regressivo verbal numa família de palavras onde estas relações entre os diferentes membros ficam evidentes. (**marca / desmarca / marcação, derivar / deriva, derivação**). Só não se sabe que critério foi usado aí para distinguir verbo denominal de verbo não-denominal.

A análise de Gamarski também mostra semelhança com a proposta de Sandmann no sentido de que busca provar, através da análise de aspectos de formação de palavras por prefixação, que o comportamento de prefixos, eminentemente verbais em relação a características de base constitui um argumento morfológico forte para a distinção entre nomes básicos e derivados; e uma direção inequívoca para precedência das bases (**força / reforçar / reforço, mama / desmamar / desmame, etc**). pode-se acrescentar a esta proposta que sufixos eminentemente verbais nos deverbais regressivos podem também oferecer pistas para a apreensão do percurso derivacional (**festa / festejar / festejo, chuva / chuvejar / chuveiro, lambear / lambiscar / lambisco, cabeça / cabecear / cabeceio, chama / chamuscar/ cham-usco, etc**).

Apesar de já se ter pesquisado muito sobre regressivos verbais, eles continuam merecendo um estudo mais detido dada a sua complexidade em relação aos outros processos de formação de palavras identificáveis pelo volume fônico que recebe após a derivação. Não ocorre com os deverbais regressivos, portanto, o que acontece com os demais derivados que, por um princípio icônico, têm carga informacional maior porque têm mais massa fônica. Assim, por exemplo, o derivado sufixal **pedreiro** tem mais informação do que seu derivante **pedra**, cujo significado já se encontra pressuposto na forma derivada; já um derivado regressivo como **reforço**, a despeito do seu volume fônico menor do que a forma verbal **reforçar** que lhe deu origem, carrega mais informação do que a forma primitiva. Por outro lado, o estudo sobre a derivação regressiva verbal só vem revelar que a demarcação dos limites categoriais entre N/V nas relações morfológicas e sintático-semânticas ainda é bastante imprecisa, pelas próprias consignações usadas para rotular o processo: **nome verbal**, **nome deverbal**, **verbo denominal**, etc.

Restaria ainda observar que, luzes uma pesquisa, de base empírica poderia trazer para os estudos sobre os regressivos verbais em português. A este respeito, Azevedo (1989) ensaiou fazer um estudo tomando como **corpus** redações de universitários e pré-universitários. A pesquisa revelou os seguintes fatos: a derivação regressiva verbal, nesses textos, é pouco produtiva, dando-se preferência à derivação por adição. Os alunos chegam mesmo a criar novas formas sufixas em detrimento de formas regressivas já existentes. Eles usam, por exemplo, **abandonamento** em vez de **abandono**, **floriamento** em vez de **floreio**. A autora aventava três hipóteses para explicar porque a preferência pela afixação explícita, quais sejam: a) *o produto parece designar mais claramente o significado e a categoria desejados, relacionando-os à base*, b) *a adição tem como características aumentar o comprimento da palavra, o que lhe confere aparência de erudição* c) e *última, "a Regra de Análise Estrutural (RAE) dos itens formados por adição,*

que gerou a Regra de Formação de Palavras (RFP) utilizada, tem mais transparência e é, portanto, mais perceptível".

Azevedo ainda observou que, nas criações do aluno, as formas regressivas usada eram em **-o**. Segundo a autora, isto se deva talvez ao fato de ser mais fácil para o aluno emparelhar lexicalmente pares como **luta-lutar** do que aqueles em que há mudança de vogal.

De qualquer forma, estes resultados precisariam ser testados num **corpus** maior ou serem cotejados com outros **corpora**, como um constituído de textos orais, para se perceber até que ponto os dados se diferenciam ou se assemelham diversificando-se os registros.

Além desses problemas residuais, gostaríamos de deixar consignadas aqui algumas observações que poderão servir para uma pesquisa futura.

Uma questão que requer uma análise mais prolongada é uma descrição dos verbais regressivos que sistematize todos os casos tomados como derivados regressivos verbais. Na literatura sobre o assunto, os casos arrolados como regressivos verbais podem apresentar grupos bastante divergentes entre si. Destes, podemos listar alguns:

1) Nomes regressivos sem nenhuma motivação morfológica evidente à primeira vista:

luta (lutar)
 escolha (escolher)
 venda (vender)
 briga (brigar)
 compra (comprar)
 ameaça (ameaçar)

2) Nomes regressivos sem alternância vocálica, com uma forma sufixal paralela de mesma base verbal.

doutrina / doutrinação (doutrinar)
 agito / agitação (agitar)
 traslado / transladação (apelar)
 reparo / reparação (reparar)
 contrato / contratação (contratar)
 deslize / deslizamento (deslizar)
 sustento / sustentação (sustentar)
 ensino / ensinamento (ensinar)
 parcela / parcelamento (parcelar)
 preparo / preparação (preparação)

3) Nomes regressivos com alternância vocálica do verbo para o nome:

a. Com um nome sufixal da mesma base verbal

decoro / decoração (decorar)
 consolo/ consolação
 apelo / apelação (apelar)
 renovo / renovação (renovar)
 sufoco / sufocação (sufocar)

b. Sem um nome formado por sufixação

rogo/?
 gosto/?
 apoio/?
 engodo/?

contorno/?

choro/?

4) Nomes regressivos com deslocamento de acento:

a. Com um nome sufixal

renúncia / renúnciação (renunciar)

térmico / terminação (terminar)

desígnio / designação (designar)

domínio / dominação (dominar)

anúncio / anúncioção (anunciar)

vínculo / vinculação (vincular)

b. Sem um nome formado por sufixação

blasfêmia/ ?

crítica/ ?

denúncia/ ?

depósito/ ?

5) Nomes regressivos com duas formas em competição

troco / troca (trocar)

desgosto / desgoste (desgostar)

custo / custo (custar)

reclamo / reclame (reclamar)

grita / grito (gritar)

controlo / controle (controlar)

derrame / derrama (derramar)

ameaço / ameaça (ameaçar)

6) Nomes regressivos com alomorfia no radical

promessa (prometer)
 reflexo (refletir)
 defesa (defender)
 retrocesso (retroceder)
 progresso (progredir)
 fuga (fugir)

Afora todos estes casos de regressivos já fossilizados no sistema da língua, há de se considerar ainda nomes regressivos no português contemporâneo, em geral com tema em **-o**, a exemplo de **agito, chego, xingo, aprovo, revogo, gotejo, rejeito**, etc., que revelam que o usuário da língua continua a usar o processo.

O estudo da derivação regressiva nominal sob o enfoque lingüístico, por seu turno, apresenta também alguns problemas

Examinamos algumas propostas para o tratamento do assunto dentro do arcabouço teórico da teoria lexicalista americana, percebemos o fenômeno da derivação regressiva é considerado como de relevância apenas diacrônica (cf. Jackendoff (1975) e Aronoff (1976)), embora haja aí vozes discordantes em alguns pontos (cf. Matthews (1973) e Anderson (1992)).

Em comparação com os dados do inglês (**peddle/peddler**), notou-se que a análise dos dados do português pode receber o mesmo tratamento **legislar** só pode ser tomado para um derivado de **legislador** sob uma perspectiva dinâmica, no plano sincrônico é mais um caso de formação sufixal, argumento válido para formações como **sarapão / sarampo, rosmaninho / rosmano** que não têm correspondentes na língua inglesa.

Basílio (1980, 1981), Gamarski (1985) e Lobato (1995) assumiram a posição de que, com base na teoria lexicalista, é possível analisar regressivos nominais sob um ângulo puramente sincrônico. Foram estudadas

formações regressivas nominais relacionadas a forma complexa X - ia do tipo:

a) formações agentivas em -o e em -e (**sociologia / sociólogo, democracia / democrata**). Além desses acrescentamos os de formação em -e (**cartomancia / cartomante**).

b) Nomes instrumentais (**telegrafia / telégrafo**)

c) Nomes adjetivais (**topografia / topográfico**)

Para estes casos, foram analisados a tonicidade, o caráter morfológico e o significado da base especificada.

A respeito desses casos de nominais regressivos, é preciso salientar, por último, que:

a) não se trata de posição consentânea a adoção desses casos como denominais regressivos, já que a proposta não encontra guarida na tradição gramatical;

b) a própria Basílio (1980) dá a eles outra interpretação, ao considerar estas formações com entradas independentes no léxico;

c) trata-se, em geral, de formações como estas podem ser reconhecidas como casos de regressivos nominais pelo falante comum.

Por fim, gostaríamos de assinalar que este trabalho objetivou apenas fazer uma análise teórico-crítica da derivação regressiva em português, sem a preocupação de trazer alguma recomendação pedagógica implícita, o que não implica afirmar que os resultados desta pesquisa não possam prover alguns elementos relevantes na tarefa educacional.

Bibliografia

- AGUIAR, Martinz de. (1955). **Notas de português de Filinto e Odorico** (transcrição e comentário). Rio de Janeiro, Organização Simões.
- _____. (1966). **Repasse crítico da gramática portuguesa**. Fortaleza, Casa José de Alencar / Programa Editorial.
- AKELE, Dercy. (1988). **O fenômeno da derivação regressiva: uma abordagem tradicional e gerativa**. Santa Cruz do Sul, vol. 13, n. 19.
- ALI, M. Said . (1964). **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Melhoramentos.
- ALVES, Ieda Maria. (1990). **Neologismo - Criação Lexical**. São Paulo, Ática.
- ANDERSON, Stephen R. (1992). **A-morphous Morphology**. New York, Cambridge University Press.
- ARONOFF, Mark. (1976). **Word Formation in Generative Grammar**. Linguistic Inquiry, Cambridge, MIT. Press.
- ASSUMPCÃO JR, Antônio Pio de. (1986). **Dinâmica léxica portuguesa**. Rio de Janeiro, Presença.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (1971). **Para uma gramática estrutural da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Gernasa.

- AZEVEDO, Laís Furquim. (1989). **Criações e recriações de palavras em redações de universitários e pré-universitários**. São Paulo, DELTA, vol. 5, n. 1.
- _____. (1993). **Resenha do livro Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio**. São Paulo, DELTA, vol. 9, n.1.
- BALLY, Charles. (1965). **Linguistique générale et linguistique française**. Berne, A. Francke.
- BARRETO, Mário (1980). **Novíssimos estudos de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Presença.
- _____. (1982). **De Gramática e de linguagem**. Rio de Janeiro, Presença.
- BARROS, João de. (1957). **Gramática da Língua portuguesa**. Lisboa, sem/editora.
- BASÍLIO, Margarida. (1980). **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis, Vozes.
- _____. (1981). **Derivação regressiva: um estudo preliminar**. In: **Linguagens**, Rio de Janeiro, PUC, vol. 1, n. 1.
- _____. (1986). **A Função semântica na substantivação de adjetivos**. Rio de Janeiro, DELTA, vol. 2, n. 1.
- _____. (1991). **Teoria Lexical**. São Paulo, Ática.
- BASÍLIO, Margarida e MARTINS, Helena. (1996). **Verbos denominais no português falado**. In: **Gramática do Português falado**. (UNI), São Paulo, Editora da Unicamp/FAPESP.
- BECHARA, Evanildo. (1976). **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- BLOOMFIELD, Leonard. (1984). **Language**. London, The University of Chicago Press.
- BORBA, Francisco da Silva. (1991). **Introdução aos estudos Lingüísticos**. São Paulo, Pontes.
- _____. (1996). **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo, Ática.

- BUENO, Francisco da Silveira. (1958). **Pequena gramática**. Rio de Janeiro, Edição Rio.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. (1981). **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópoles, Vozes.
- CANO, Waldenice Moreira. (1995). **O comportamento semântico de nomes sufixados em -ção e -mento, derivados do mesmo radical verbal**. São Paulo, Anais do XXIV GEL.
- CARONE, Flávia de Barros. (1986). **Morfossintaxe**. São Paulo, Ática.
- CHAFFE, Wallace. (1979). **Significado e estrutura**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora.
- CHOMSKY, Noam. (1970). **Remarks on nominalizations**. In: **Readings in transformational grammar**. Jacobs e peter Rosenbaum, (eds), Waltham, Mass., Gin e Co. (tradução em espanhol).
- CHOMSKY, Noam. (1981). **Lectures on government and binding**. Dordrecht, Foris.
- CHRYSAL, David. (1988). **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CORBIN, Danielle. (1987). **Morphologie dérivationelle et structuration du lexique**. Max Niemeyer Verlag Jübingen, Press Université de Lille.
- COUTINHO, Ismael de Lima. (1976). **Gramática histórica**. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico.
- CUNHA, Celso Ferreira da. (1980). **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, FENAME.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. (1985). **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DUBOIS, Jean et alii. (1973). **Dicionário de lingüística**. São Paulo, Cultrix.
- FARACO, Carlos Alberto. (1979). **Considerações sobre a nominalização**. Letras, Curitiba/UFPR.
- _____. (1983). **Considerações sobre a nominalização II**. Letras, Curitiba/UFPR.

- _____. (1984). **Considerações sobre a nominalização III**.
Letras, Curitiba/UFPR.
- _____. (1985). **Considerações sobre a nominalização IV**.
Letras, Curitiba/UFPR.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. (1981). **Novo dicionário da língua portuguesa**.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREITAS, Horácio Rolim de. (1991). **Princípios de morfologia**. Rio de Janeiro,
Presença.
- GAMARSKI, Léa. (1988). **A derivação regressiva: um estudo da
produtividade lexical em português**. Goiânia, CEGRAF.
- GLEASON JR, H. A. (1970). **Introducción a la linguística descriptiva**. Madrid,
Gredos.
- GOMES, Alfredo. (1913). **Gramática portuguesa**. Rio de Janeiro, Francisco
Alves e Cia.
- GRUBER, Jeffrey. (1965). **Studies in lexical relations**. Bloomington, Indiana,
University Linguistic Press.
- GUNZBURGER, Maria Lúcia Guerra. (1979). **A nominalização em
português: verbos intransitivos e suas contrapartes nominais**. Rio de
Janeiro, Anais do III Encontro de Encontro de Linguística/PUC.
- HOCKETT, Charles F. (1958). **A course modern linguistics**. USA, Macmillan.
- HUBER, Joseph. (1986). **Gramática do português**. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- HUFORD, Jamer R. e HEASLEY, Brendan. (1983). **Semantics: a coursebook**.
New York, Cambridge University Press.
- JACKENDOFF, Ray. (1972). **Semantic interpretation in generative grammar**.
Cambridge, Mass., MIT, Press.
- _____. (1975). **Morphological and semantic regularities in
the lexicon**. Language, Baltimore, Waverly Press.
- JOTA, Zélio dos Santos. (1981). **Dicionário de lingüística**. Rio de Janeiro,
Presença.
- JESPERSEN, Otto. (1935). **A few back-formations**. In: **Selected writings**.
London, George Allen and Unwin Ltd.

- JUCÁ FILHO, Cândido. (1945). **Gramática histórica do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, EPASA.
- KEHDI, Valter. (1992). **Formação de palavras em português**. São Paulo, Ática.
- _____. (1995). **Os deverbais regressivos em português**. São Paulo, Anais dos Seminários do XXIV do GEL.
- KURY, Adriano da Gama. (1960). **Pequena gramática**. Rio de Janeiro, AGIR.
- KURY, Adriano da Gama et alii. (1981). **Gramática objetiva da língua portuguesa I (fonologia - ortografia - morfologia)**. Rio de Janeiro, Edição Rio.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. (1989). **Manual de morfologia do português**. Campinas, Pontes.
- LEES, Robert B. (1965). **The Grammar of English nominalizations**. The Hague, Mouton e Co.
- LIMA, Rocha, (1989). **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, José Olympio.
- LOBATO, Lúcia. (1986). **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte, Vigília.
- _____. (1995). **A derivação regressiva em português: conceituação e tratamento gerativo**. In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memorian Celso Cunha*. (Org. e coord. Cilene de Cunha Pereira e Paulo Roberto Dias Pereira), Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- LLORACH, Emílio Alarcos. (1981). **Gramática estructural**. Madrid, Gredos.
- LYONS, John. (1979). **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- LUFT, Celso Pedro. (1983). **Moderna gramática brasileira**. Rio de Janeiro, Globo.
- MACIEL, Maximino. (1910). **Grammatica descriptiva**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- MALKIEL, Yakov. (1970). **Genetic analysis of word formation**. In: *Current trend in linguistics* (vol. III), The Hague, Mouton e Co.

- MARTINS, Evandro Silva. (1996). **Morfologia**. In: **O ensino da língua portuguesa para o 2.º grau** – Jorcelina Queiroz Azambuja - Uberlândia, EDUFU.
- MATEUS, Maria Helena et alii. (1989). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa, Caminho.
- MATTHEWS, P. H. (1976). **Novas contribuições à morfologia**. In: **Novos horizontes em lingüística** – John Lyons (org.) São Paulo, Cultrix.
- _____. (1993). **Morphology**. New York, Cambridge University Press.
- MAURER JÚNIOR, Theodoro Henrique. (1959). **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica
- MEILLET, A. et VENDRYES, J. (1960). **Traité de grammaire comparée des langues classiques**. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion.
- MELO, Gladstone Chaves de. (1970). **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- MEYER, Rosa Marina de Brito. (1991). **A Complementação da forma nominalizada deverbal sufixal e a conceituação do complemento Nominal**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro - PUC.
- _____. (1993). **Estrutura semântica da forma nominalizada deverbal sufixal: a questão da herança temática**. Goiânia, Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL, vol. 2.
- MEYER-LÜBKE, W. (1923). **Grammaire des langues romanes** (t. deux: morphologie), Paris, G. E. Stechert.
- MICHAËLIS VASCONCELOS, Carolilna (s/d). **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa, Martins Fontes.
- MONTEIRO, José Lemos. (1978). **O morfema zero no processo de derivação**. Revista de Letras, (vol. 1), n. 1, Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC.
- _____. (1986). **Morfologia portuguesa**. São Paulo, Pontes.
- NUNES, José Joaquim. (1956). **Compêndio de gramática histórica**. (fonética e morfologia), Lisboa, Livraria Clássica.

- OLIVEIRA, Fernão. (1975). **A Gramática da linguagem portuguesa**. Introd.,
Leitura Atualizada e Notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa,
Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- PEI, Mario A. e GAYNOR, Franck. (1965). **A Dictionary of linguistics**.
London, Peter Owen.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. (1958). **Gramática expositiva**. São Paulo,
Companhia Editora Nacional.
- PIDAL, R. Menéndez. (1958). **Manual de gramática histórica española**.
Madrid ESPASA-CALPE.
- QUIRK, Randolph e GREENBAU, Sidj. (1973). **A University grammar of
English**. Londres, Longman.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. (1992). **Teoria da gramática. A faculdade da
linguagem**. Lisboa, Caminho.
- RIBEIRO, João. (1933). **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro, Francisco
Alves e Cia.
- RIBEIRO, Julio. (1911). **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro, Francisco
Alves e Cia.
- SANDMANN, Antônio José. (1987). **Formação de palavras no português
brasileiro contemporâneo**. Curitiba, Scientia et labor e Icone.
- _____. (1991). **Morfologia geral**. São Paulo, Contexto.
- _____. (1992). **Morfologia lexical**. São Paulo, Contexto.
- _____. (1993). **Caminhos da produção lexical**. Paraná,
DELTA, vol. 9, n. 1.
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça.
(1985). **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo, Cortez.
- SILVA JÚNIOR, Pacheco e ANDRADE, Lameira. (1894). **Grammatica
da língua portugueza**. São Paulo, Livraria Clássica.
- SOUZA LIMA, Mário Pereira de. (1937). **Gramática expositiva da língua
portuguesa**. São Paulo, Editora Nacional.

- SILVEIRA, Olmar Guterres da. (1965). **Análise de alguns regressivos**. Rio de Janeiro, Editora Professor. In: **Miscelânea Filológica** (Em honra a Clóvis Monteiro).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1979). **Sobre a produtividade da regra de formação de palavras [X]_{Adj} → [[X]_{Adj} SUFIXO]_{Subst.} em português**. Rio de Janeiro, Anais do III Encontro Nacional de Linguística/PUC.
- VASCONCELOS, José Leite de. (1931). **Opúsculo IV**. Coimbra - Imprensa da Universidade.
- VILELA, Mário. (1994). **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra, Livraria Almedina.
- WILLIAMS, Edwin B. (1991). **Do latim ao português (fonologia e morfologia – história da língua portuguesa)**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.